

ANTOLOGIA DA POESIA  
CONTEMPORÂNEA DE  
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

*Carlos Loures*



**COLECCÃO – setentrião – 8**

ANTOLOGIA DA POESIA CONTEMPORÂNEA  
DE  
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Titulo: *Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro*

Autor: Carlos Loures (org.)

2.ª Edição, fac-símile da 1.ª Edição

Colecção *Tellus*, n.º 36

Edição: Grémio Literário Vila-Realense

**Câmara Municipal de Vila Real**

**gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt**

Vila Real, 21 de Março de 2017

Tiragem: 300 exemplares

Depósito Legal: 420522/17

Composto e impresso: Mínerva Transmontana – Vila Real

*Ao Dr. Carlos Sanches, dedicam  
este livro, com reconheci-  
mento e amizade, os coordena-  
dores da Colecção Setentrão.*



## P R E F Á C I O

*O critério selectivo que presidiu à elaboração desta colectânea baseou-se, principalmente, na intenção de oferecer uma panorâmica, tão vasta quanto possível, das actuais poéticas transmontana e duriense. Não tenho, todavia, a pretensão de apresentar aqui todos aqueles que, nestas duas regiões setentrionais, publicaram livros de versos: alguns terão, certamente, escapado às minhas investigações—futura edição, se a houver, remediará esta deficiência; por outro lado, vários dos autores consultados não possuíam aquele nível mínimo que, mesmo dentro do espírito de tolerância crítica necessário à feitura de uma antologia deste tipo, me pareceu licito exigir. Entre o escrever poemas e o «versejar», existe um abismo que não pode, nem deve, ser ignorado ou subestimado. No entanto, a organização de antologias deixa sempre uma larga margem à subjectividade do organizador: à possibilidade de, num ou noutro caso, ter sido menos justo, oponho as palavras de Manuel Bandeira já tão citadas, e com as quais, no pórtico da sua Poesia do Brasil, se defendia da hipótese de erro semelhante: «Naturalmente esta antologia terá os consabidos defeitos de todas as antologias. Não é nada fácil escolher os autores, e nos autores os melhores poemas. A verdade é que nenhuma antologia pode por si só representar a poesia de um país: para isso são necessárias algumas antologias».*

*A preocupação dominante que guiou a selecção, em relação à obra de cada poeta, não foi apenas a de escolher os melhores poemas, mas principalmente a de encontrar aqueles que pudessem ser mais representativos; procurei, além disso, escolher um ou outro poema em que o telurismo fosse mais eviden-*

*te, onde existissem traços das realidades geográficas, humanas e sociais das duas regiões nordestinas. No entanto, em alguns casos foi impossível obedecer a tal propósito, pois nem sempre o lugar onde o artista nasce abre cicatrizes na sua obra. Talvez que uma futura antologia da actual novelística destas duas províncias, seja mais conclusiva, denunciando mais vigorosamente a influência que os cenários magestosos, o forte matiz caracterológico dos montanheses exerce nos seus escritores. Por vícios tradicionais da nossa cultura, os poetas são mais facilmente tentados a fugir à realidade, transpondo o lirismo para um plano extra-humano ou meramente introspectivo; a alienação está intimamente vinculada ao mais generalizado conceito (ou conceitos) de poesia. Dentro dessa linha alienatória, disse um surrealista que o poeta «deve ser um criador de mitos»; no entanto, cada vez mais se chega à conclusão de que ele deve ser, antes de mais, um desmitificador e um desmistificador. Paul Eluard disse que «o poeta deve ser mais útil que qualquer outro cidadão da sua tribo. A poesia não é um objecto de arte, mas, sim, um objecto utilitário». Se, em relação a estas palavras de Eluard, me permito pôr em dúvida a possibilidade de, num contexto social, o poeta vir a ser mais útil do que um cientista, por exemplo, acredito que a missão poética deverá estar indissociavelmente vinculada à dinâmica da sociedade para que possa perdurar historicamente como actividade válida do pensamento humano. Pablo Neruda, ao eternizar no seu «Canto General» a epopeia de um continente, identifica a poesia com as reivindicações dos seus povos, com a sua gesta, com a sua esperança; com ele, a poesia deixa de ser um objecto de arte e passa, de facto, à categoria de artigo de primeira necessidade, de objecto utilitário, como queria Eluard.*

*Aos povos nordestinos que, na sua luta obscura pela sobrevivência, nos dão uma tão eloquente lição de estoicismo, aos transmontanos rudes como as suas montanhas francos e corajosos, aos durienses que, com o seu sangue e o seu suor, souberam vestir de vinha as rochas, dedico este meu modesto trabalho.*

Vila Real, 1962 / Tomar, 1967

Soneto da Neve

De régias túnicas de linho, a neve  
Vestiu a terra desolada e nua.  
Noiva do frio, melodiosa e leve  
Em seu dançar, mais branca do que a lua.

Teu encanto e magia não descreve  
Nenhum poeta universal, a tua  
Alvura alucinante que deteve  
Olhos maravilhados, rua em rua...

De braço dado com o vento norte,  
Dás-me beijos gelados como a morte,  
— Princesa escandinava do meu sonho ..

Perdido em tua ronda de mistério,  
Bailo, contigo, num bailado aéreo,  
E muito além do mundo me suponho.

Nota à Margem da Via-Láctea

A branca fumarada luminosa  
Da Via-Láctea ondula num clarão,  
Como se houvesse fogo na radiosa  
Moradia dos deuses, na amplidão.

Incêndio astral, argêntea labareda  
Que encharca de penumbra o nosso olhar,  
Um murmúrio de luz que nos segreda  
Miragens de outro mundo, a conquistar.

Ao nocturno dealbar das nebulosas,  
Ante o ígneo clamor do Sete-Estrela,  
Além das aparências enganosas,  
Alma! ergue o nosso comovido apelo.

Ah! não ter asas para lá subir,  
Ao reino da perpétua claridade,  
Onde nosso desejo consumir,  
De anímica e perfeita liberdade.

Ah! não poder mudar-se de planeta,  
Fugir, voar onde nossa alma vibre,  
Longe do turbilhão da vida inquieta,  
Ao alto, à vida luminosa e livre.

Inglória servidão em nossa esfera...  
Sepulta para sempre a nossa voz?...  
Mal pode ouvir-se numa dor sincera,  
Bradando: Deus esquece-se de nós!

### Madrigal Bárbaro

Tudo quanto me atraí e me cativa,  
Demoniacamente,  
Na volúpia aromal do teu corpo de rosas,  
Não é da tua carne a primavera viva,  
Nem teus cabelos de seara ardente,  
Nem tuas mãos formosas.

Nem são teus olhos de luar sombrio,  
Orvalhadas auroras de Outro Mundo,  
Que só meu sonho vêm alumiar,  
Nem teu andar metálico e tão frio  
Que sempre que te vejo, te confundo  
Com a estrela polar.

Nem é tua boca — fonte de harmonia,  
Cantando o epitalâmio da Alegria,  
Num minuto que vale a eternidade ..  
Nem são teus braços de açucena em flor,  
Onde um martírio acariciador  
Crucificou a minha mocidade.

— É tua voz melodiosa e pura  
E molhada de beijos e ternura,  
Despertada do sono e do torpor,  
Quando me diz, no ardente renascer  
Da manhã dos sentidos, a gemer,  
Meu amor, meu amor...

(Antifonário Pagão)

## Regresso

Perdi-me no caminho do regresso  
E já nem sinto os passos que vou dando...  
O sonho que vivi foi-se apagando  
E agora é só com sombras que tropeço!

De tudo o que não vejo me despeço  
Na ânsia de encontrar-me recordando,  
Mas nem curtindo mágoas nem gritando,  
Longe de mim consigo o que apeteço!

Sou como rio turvo e caudaloso,  
Parando sobre um leito pedregoso,  
Sem margens, sem destino, sem ninguém...

Um rio sequioso de corrente,  
Olhando a água morta da nascente  
À espera que ela venha... mas não vem!

## Bailado da Neve

Nove horas da manhã, Vila Real,  
O céu baixou à terra e a Princesa  
Deslumbra-nos de sonho e de pureza  
Nas galas duma pomba sem igual!

Ao longe, ergue-se branca e colossal  
A sentinela eterna de beleza  
E léguas em redor a natureza  
Aflora rendilhados de cristal!

A nossa alma vai... foge de nós  
No turbilhão distante duma voz  
Que vibra e nos aquece d'ilusões!

A vida é uma quimera de farrapos  
Bailando na paisagem como trapos  
Ao sopro de fantásticas visões!

(Regresso)

Do teu ombro os pássaros partem

Do teu ombro os pássaros partem  
para as nações cor de noite e nuvem,  
piando no terror do velo e da pluma.

Recompõe-se o silêncio desperdiçado  
e a paisagem é outra e a mesma  
a beijar-te os lábios libertos de palavras.

Jamais saberás a hora do festejo,  
mas as tulipas florescem no mar  
onde a imagem se dispersa derrubada.

Que morte sonhaste na múrmura água?  
A vida solta se dos corpos desfigurados  
que se abrigam na ausência do riso.

Uma luz atravessa o canto  
liberto do ritmo dissoluto e da retórica  
e vai projectar-se na solidão da casa.

O elevador pára no primeiro andar  
— rosas vermelhas para cobrir o sol —  
e senta-se a dança no vasto alpendre.

Tudo o que os sonhos suportam  
—os pássaros verdes e o clamor das canoas,  
os bonecos de barro musicais e alados —

galopa surdamente na memória  
sustentando um mudo colóquio  
com as sombras e as algas submersas.

Autêntica é a emoção e a carne,  
vestíbulo do desejo e do espasmo,  
mas as palavras inclinam-se ao sol,

supérfluas mas reais e inevitáveis,  
invadem a planura e os arrozais  
para se perderem na folhagem do bosque.

(In «Cardernos de Poesia»)

## Poema para uma bailarina negra

Inicias agora, entre esponjas de solidão,  
a construção dos altos degraus do templo  
com uma marcha de fogo nas arestas solares  
e teus pés abrem na assonância de cobres e cordas  
os sulcos definitivos onde mergulhamos,  
triumfantes de subir contigo através da ondulação  
das árvores ardendo em tua boca de seda,  
perturbados pelos teus pés leves de nuvens,  
devorados por teus braços de buganvillas,  
ardendo sempre no teu corpo,

tinteiro de nebulosa,  
ó trópico de Câncer,

trópico de Capricórnio,  
essência mesma das flechas do equador,  
quente salamandra do ritual  
derrubando com teus braços, guilhotinas aéreas,  
as colunas dos cativos rasgadas de peles preciosas.  
Procuras no peito perturbado dos anciãos  
a cabeça solar, o marfim profético  
de uma raça crescendo até à altura das formigas,  
seiva pagã nas mãos de sal florindo a terra  
e teus pés, teus pés, teus pés,  
matam a lua com dentadas de ouro.

.....

O sentido cósmico desta nova viagem  
floresce na dissociação do lírio  
como um pedal de porcelana branca  
Resiste à radiação que nos seduz presa  
a uma intermitência de flores de urânio  
sofrendo as maxilas de cimento  
desesperadamente profundas  
Há poços aéreos violentos agradáveis  
vivendo em ti qual constelações humanas  
fundindo-se nas chamas das aves que irrompem de uma alta solidão  
que não é no entanto  
que não é como te disse  
como te digo  
o cabograma decisivo  
ou o canto resplandente ardoroso

equilibrando-se na decidida importância  
dos lutadores esquecendo prevenções lutos e bandeiras  
acordando cristais flores uma bacia triste  
quando uma lua elementar

peremptòriamente polida  
desfaz recalques complexos mutilações  
para nos dar através de uma atmosfera da tua altura  
uma cidade um dia o povo o riso o mundo

. . . . .

Tu, pássaro patético que nos beijos do medo  
desfazes a teoria dos vasos comunicantes  
ensinando que dois homens de estatura semelhante mas de pele diferente  
são dois campos magnéticos que sempre se repelem  
sem possibilidades de encontrar um ponto de equilíbrio  
tu, gonzo de basílicas decaídas  
onde entram todos os bichos, todas as religiões,  
fraternas nuvens pejudadas de confidências,  
de cactos, de palavras de beijos, de soluços,  
vencendo a amputação com uma pose mágica  
enquanto os reflectores desfalecem nas escadas  
tu, único avião de formosura semelhante  
ao leopardo que devora a camélia do teu peito,  
medes a opressão das nossas prevenções,  
dos nossos sobressaltos,  
enquanto os tapetes de cicatrizes definem um homem  
ainda e sempre totalmente desfigurado,  
tu hipópótamo rompendo o equilíbrio  
do manómetro tumultuoso de Wall Street  
com uma arte perfeitamente incompreensível,  
mergulhada no sono da cauda do cometa Halley  
sabes que não há lanterna que não há lâmpada  
capaz de iluminar uma inocência perdida,  
tu, relógio verde de cicuta e lírio  
oscilando no ascensor de muxiques secretos,  
serves o cântico final onde o reflexo nos reúne  
no espelho de resina da justiça colectiva  
e desaprendemos uma linguagem de traumatismos  
esperando a distância nevrálgica, o passo complicado,  
virando as costas aos fragmentos,  
re-inventado

como se exige

um homem

evoluindo de acordo com uma nova forma  
de evidenciar as mil faces secretas do ser.

(Excertos)

## Sou barco

Sou barco abandonado  
na praia ao pé do mar.  
E os pensamentos são  
meninos a brincar.

Ouço o fragor da vaga  
sempre a bater ao fundo.  
Escrevo, leio, penso,  
passeio neste mundo  
de seis passos e sempre o  
mar a bater ao fundo ..

Ei-lo que salta bravo  
e a onda verde escura  
estarela-se em trigo  
de raiva e amargura.

Agora é todo azul  
com barras de cinzento  
e logo é verde, verde  
seu brando chamamento.

Ó mar, venha a onda forte  
por cima do areal.  
E os barcos abandonados  
voltarão a Portugal...

## Pede ao Sol que venha

Ai pede ao sol que venha!  
Há tantos dias espero nos escombros  
e falta sempre. Diz ao sol que venha,  
que eu trago o corpo frio  
das paredes caídas nos meus ombros.

Ai pede ao sol que venha!  
E não como senhor, mas com palavras  
de camarada. Diz ao sol que venha,  
que eu vou despir-me todo  
e provocar a terra enamorada.

Os desejos que tive,  
ao erguerem a voz petrificaram.  
Sou uma estátua rude mas que vive,  
velho mono dos séculos  
que a noite e as tempestades sepultaram.

E não encontro o tempo.  
É sempre um corredor de lajes frias  
sem portas do que foi. Não tenho que medir,  
ouço bater a pulsação dos dias  
como se fosse um coração que dói.

No presente esqueço.  
Assento-me na areia do passado  
a olhar as ondas no seu arremesso.  
E no vaivém da vaga  
peixes e salvados espalham-se a meu lado.

— «E o futuro?» — dirás.  
Oh! o futuro traz dois seres lutando.  
É triunfo do novo, mas não faz  
calar esta pergunta:  
— «Quando virá a liberdade? Quando?»

Todo o progresso é luta.  
O meu conforto de hoje entra em conflito  
com o interesse geral. Nesta disputa,  
deixo falar a dor  
e sou do Mundo, do bom Portugal.

Eh! lá! Quem é capaz  
de subjugar-me a chama? Quando quero  
dou um salto tremendo das ameias,  
mergulho no mar de panorama  
e nado com os peixes e as sereias.

Na montanha mais alta,  
erguerei o talefe da alegria.  
Na montanha mais alta. E quando os ares  
sopram da tristeza  
eu vê-lo-ei de todos os lugares.

## Sentinelas de pedra

As paredes são quatro sentinelas  
de pedra que não saem do lugar.  
O que faço? Perdi o movimento,  
corro na cela para o encontrar.

A vida presa  
é um homem sem pernas, um carro sem pneus.  
Ai quem me dera abrir a porta de surpresa,  
fazer-me nuvem e correr nos céus.

E passeio na cela, corro, corro.  
Louco, para que é todo esse andar?  
E quando paro, o suor em jorro,  
não saí do mesmíssimo lugar.

As nuvens estão paradas no céu,  
estrangulando a terra com o seu abraço.  
Sufoca-me este exótico chapéu  
que cobre o espaço.

Sob este peso,  
o meu peito é o fundo do oceano  
e o coração um peixe submerso  
que busca a superfície a todo o pano.

O passado vem, fala-me de cor,  
povoa-me de sonhos e de mágoa.  
Vou como um nadador  
d'olhos abertos debaixo d'água.

E das cidades ontem submersas  
de que tinha perdido a memória,  
encontro agora as ruínas dispersas,  
relembro comovido a sua história.

Por fim lá fora,  
caem do céu as nuvens numa derrocada.  
Só este peso dentro nunca chora,  
é nuvem que ficou cristalizada.

## Porque me levanto

Porque me levanto quando os outros dormem,  
ouço gritos, insectos a correr à sorte,  
árvores crescendo nos seus troncos verdes  
e surpreendo a morte  
branqueando a cara, vindo ao de cima  
do camarada que mais se estima  
e ao acordar os demais  
riem um pouco, mostram compaixão:  
— «Dorme, repousa a razão!»  
Mas se eu ouço e vejo todos os sinais...

Não ouves o grito da coruja  
pelas ramas,  
uma formiga vermelha  
trepando das escamas  
dum pinheiro nocturno?  
Ri para mim com enormes bigodes.

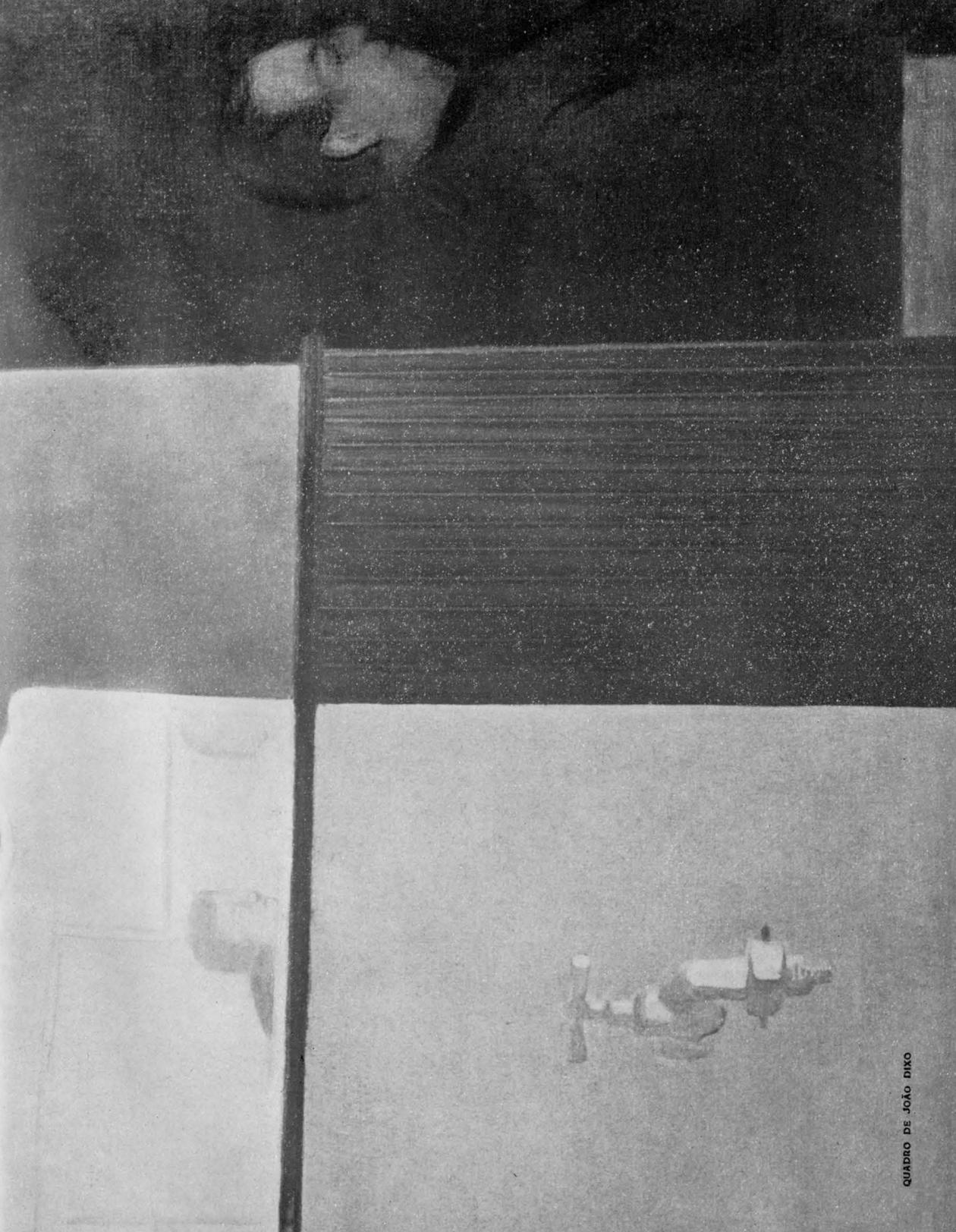
Não podes  
esconder a pena.  
E no entanto cobras e lacraus  
rasgam-me a carne  
com punhais perversos e dentinhos maus.

Não vês o vale com o rio ao fundo  
soltando os açudes,  
um vale verde, verde — negro, grande como o mundo  
e um sol amarelo, quase branco  
sobre as paisagens fortes e rudes  
espalhando a luz louco como um saltimbanco?

Bateis-me nas costas: — «Então?  
Estamos em combate.»  
Levo a mão  
ao gatilho  
e tomo parte  
no sarilho  
necessário.



CUADERNO DE JOAQUÍN CUNO



QUADRO DE JOÃO DIXO

E enquanto disparo vou falando :  
— «Vejo as planícies do futuro  
com o amor a luz dependurando  
na árvore, na estátua, o muro  
do ódio derrubando.»

Os nossos corações batem de novo,  
como um só.  
Um coração chegava para todo o povo!

Mas de novo alguém me rouba o riso,  
arrefecendo-o num granizo  
frio e bisonho  
— «De pé, tens de seguir o sonho,  
estar sempre desperto,  
anunciar os perigos,  
adivinhar o deserto,  
cantar as alegrias do futuro,  
mesmo que o coração  
esteja amassado entre as pedras dum muro»

Eu sei, eu sei, ó meu irmão,  
que em todos vive um pouco  
esta mania de louco.

Perdoa, perdoa o pobre coração  
que não pára na carreira,  
cavalo bêbado sem bebedeira,  
num galope ao luar,  
saindo a escorrer dentro das águas do mar.

DELACROIX! DELACROIX!

Às vezes apetece rebentar  
na corrida

Mas eu vou montar a besta  
que desencabresta  
e sustenho agora o galope a toda a brida.

(Roseira Verde)

## Quebra nos meus lábios

Quebra nos meus lábios o sono do teu anjo  
e embriaga-me com o vento das suas asas.

Ignoro muito do seu sangue,  
desse difícil sopro que devora os espaços.

Que farei da minha vida com fundos de silêncio?  
Deste mar dos meus olhos com nevoeiro de lágrimas?

Fatigadas, as nuvens transportam no céu de sempre  
a mesma carga do sal doirado da amargura.

Chama-me, fiel ao teu murmúrio,  
para que eu conquiste a tua face espessa,  
teus pés de longínqua idade,  
o teu velho e cerimonioso firmamento.

## Respiração através do teu nome

Eis a casa — a herança da unidade,  
em cada fruto o espaço do teu nome,  
e no contorno do vento a tua presença cingida  
de oliveiras.

Estendida na luz,  
és no entanto o movimento das árvores,  
o secreto ódio, o rumor da lágrima  
ou do amor  
no seu leito de enigmas.

Conheço-te a voz,  
a suspeita desse quieto martírio da mentira,  
o soluço e o beijo na outra face.

Mas confio em ti,  
na paisagem perfeita do teu corpo,  
nos grãos de eternidade que são a matéria  
da tua alma.

Acordarei no teu sangue para a paz?

## Terra de ninguém

Em que lugar nasci? Em que rosto antigo  
a força desta cinza me vestiu de espadas vivas?

Em que nome de asa — rio, pensamento ou fruto —,  
o vento alimentou a minha língua?

Assim a noite, assim meus lábios  
passaram fome às primeiras vísceras.

Não mais o fumo tranquilo do olhar  
ou o hálito puro das raparigas...

A pedra cresceu, cobriu o gesto das estrelas.

## Êxodo

Para onde partiram os camponeses, as aves  
e os peixes?  
Deixaram os rios e as muralhas das flores  
desertas,  
deixaram os sulcos e os destinos da Terra.

Já a cidade ferida em seu firmamento,  
quebrada em suas rusga,  
ignora os lábios e os caminhos:  
— boca desfeita sobre os muros de açucenas.

Uma grande cidade parada nos ossos  
do seu nome.  
Que coisa este país, esta mão?  
Um tumulto apenas de lâmpada ou de homem  
calando-se,  
apenas o ruído do silêncio sobre o homem  
como água correndo dentro duma sombra.

(Futuros ou Não)

## A Montanha

Nesta montanha dependemos  
Do voo dos pássaros, do rio  
E seu rumor, da solidão  
Que acende o risco das estrelas,  
Das tempestades e por elas,  
Do nosso próprio coração.

Montanha no sangue, fluindo  
Toda enlaçada de horas verdes.  
Mas cada hora não tem mais  
Sessenta portas bem contadas:  
Sessenta são e mais sessenta  
E todas elas invioladas.

Por que são todas invioladas?  
Onde começa a decisão?  
Por que se passa e se não passa  
Como se tudo fosse um passo?  
Ai lucescente rio feito  
De obliquidade sem espaço!

Nesta montanha dependemos  
Do voo dos pássaros, de tudo.  
Em toda a parte nasce, e nasce  
Imperceptível, o futuro.  
Mostram as coisas uma face,  
Mas espreitando-nos do muro.

*(Falo-vos da Montanha)*

## Aqui, Douro

Aqui, Douro. O Paraíso  
Do vinho e do suor,  
Dum rio, no verão, ossudo e magro,  
Como as pessoas,  
Quando as águas se recolhem às sombras  
Cortadas apenas pelos assobios dos barqueiros  
E pescadores,  
Sonhadores e descalços,  
(Ah os pobres são todos sonhadores!)  
Quando o sangue é puxado aos braços  
Pelo sol e pela mágoa  
Que formam aqui a mesma alma.

Paraíso dos montes sobre montes  
Agressivos  
Mas belos.  
Dos montes que se agigantam em ímpetos colossais  
Mas também recomunicam o luar  
No pólen fulvo dos pinheiros.  
Pinheiros que chupam o tempo,  
Nervosamente o debruçam das cumiadas  
E o deixam escorregar,  
Enrugando a pele dos sobreiros,  
Até às funduras onde o povinho decanta almas penadas.  
Pinheiros que formigam, se emaranham e dão  
À miséria a cor do ódio, da fecundidade e da esperança.

Paraíso esverdeado das oliveiras  
Que estendem a sua monotonia  
Como a rapariga que não se casa  
Estende e alisa os seus inúteis cabelos compridos.  
Do fluído oiro das oliveiras  
Que alumia o sangue,  
O compartimento único do jornaleiro  
É a lâmpada semelhante a uma alma, do Sacrário.

Paraíso das hortinhas e pomares  
Onde a água é menos esquiva  
Para que os homens sujem bem as mãos  
De encaixotar num sonho meia dúzia de laranjas,  
Enquanto os melros pintam a carvão  
Uma risada maliciosa e livre de todas as políticas  
Que é a mais bela nota do campo seja ele qual for.

Paraíso do suor.  
Dos ganhões de camisas empastadas,  
A terra a colar-lhes os lábios  
E a torcer-lhes as palavras em raivas humanísimas,  
Cavando, neles cavando o desespero,  
Lucilante de amor, todavia,  
Como a noite, de luar,  
Porque atrás da poeira  
Vêem a boca inocente dum filho.

Paraíso da aguarela forte das vinhas  
Pronunciadas em ondas verdes para os olhos.  
Vinhas que estão na alma desta gente  
Como grito nos lábios,  
Como flor no desejo,  
Como o olhar nos olhos.  
Vinhas, sei lá, que são a própria alma desta gente.

Paraíso álaçre das vindimas!  
Então, o Douro é d'oiro.  
Oiro no sol que põe tudo em labaredas,  
Os cachos e as nuvens de poeira  
Espantadas pelas patas dos cavalos.  
Oiro na tagarelice das vindimadeiras  
E na toada monocórdica dos carregadores  
Ao ritmo do han-han que rói os pulmões  
E não é nada do que mostram os documentários de cinema  
Oiro, um oiro de água, nos olhos dos lavradores  
Que vêem o mildio ter-lhes chupado as uvas e as faces.  
Oiro nos descantes nocturnos, à porta dos patrões,  
Se o Zé pega da concertina e outro malha num bombo.  
Oiro, oiro, suado de sangue... oiro!  
Oiro talvez nos cálices dos senhores  
Que vieram de longe assistir da janela.  
Ah paraíso doirado das vindimas  
Que, apesar de tudo, enche a alma!  
(A alma enche-se de qualquer coisa)  
E faz saudade.

Paraíso das romarias.  
Da Senhora da Piedade, dos Remédios, do Socorro.  
Gente de gatas, como animais.  
Porque a Senhora interveio  
E ante o Céu

Somos piores ainda do que os burros  
Há um homem que leva uma facada  
Mas há também ex-votos,  
Estrelas a germinar nos olhos,  
E quem fuja aos arraiais, defendendo-se com a noite.

Paraíso das sete ermidas !  
— O céu gotejando no cimo dos montes.  
De castros em ruínas !  
— O vento do passado dando-nos na face.  
Das minas que devassam os abismos !  
— Fui à boca duma em criança  
E recuei como se tivesse visto  
Todos os dentes da bicha das sete cabeças.  
Paraíso dos caminhos tortuosos  
— Pois Deus escreve direito por linhas tortas.  
Dos duendes nocturnos  
— Ninguém chegue à janela quando passam.  
Das moiras encantadas  
— O afiançou minha avó: há uma  
Que se chama Maria  
E é linda, linda como as manhãs de Junho.

Paraíso !  
Dos barrancos inconcebíveis,  
Das rogas e do silêncio,  
Do grandioso silêncio das montanhas.

Paraíso ! Paraíso !  
Oh cântico de pedra à esperança !

*(Falo-vos da Montanha, plaquete Aqui, Douro e Poemas Durienses)*

## Advento

Recente e casta,  
virás  
pôr um grito branco na minha sede.  
Com uma rútila ardência na fronte  
e na pele todo o perfume do vinho mosto.  
Recente e casta.  
Diáfana !

Darei asas novas ao sonho,  
vestir-me-ei de alegria e coerência.  
E não mais precisarei de flores no meu quarto,  
pássaros na tília,  
neve na montanha.  
Só tu, recente e casta e diáfana,  
objectivarás a memória.

Virás, esperança, nos intervalos da brisa.  
Virás, sortilega e lírial.  
Virás,  
água,  
carne,  
pão,  
anjo definitivo dos meus dias.

(A Flor e as Palavras)

## Douro, meu belo país

Douro, meu belo país do vinho e do suor,  
bárbaro canto arrancado à penedia  
por um destino que nos faz andar  
da alma para os olhos, dos olhos para a alma!  
Douro, eh lá!, uma nova era se anuncia  
e traz aos nossos ouvidos uma promessa de rosas.  
Ouço já o crepitar das metralhadoras da paz,  
esses corações de aço que se chamam tractores.  
Ouço-os e uma visão de terra alegre,  
alegre como um tesoiro descoberto,  
rasga-se, sob o nosso espanto, na tua carne.  
Não mais as horas fechadas como punhos  
e os morros inóspitos de carqueja bravía,  
O tempo estender-se-á na nossa esperança,  
claro, claro como um leito nupcial;  
nos valados correrá um sol caudaloso,  
fulminando, ao seu contacto, os fantasmas da miséria.  
Eh lá, Douro, meu belo cavaleiro enamorado  
por uma dama que fugia na tua angústia,  
depõe, finalmente, os velhos trapos  
de matagais, escombros e vinhas amortecidas.  
As enxadas deixarão de cavar o desespero;  
o ferro e a pá arrumar-se-ão nos arquivos da memória.

Onde irá o tempo das vacas magras  
quando um tractor cantar em cada monte  
a deliciosa canção da fecundidade ? !  
Haverá muitos tractores, haverá mais armas  
apontadas aos baluartes da fome.  
Haverá mais pão, haverá mais rosas.  
Eh Douro, meu belo país !

## A Quinta do Senhor Smith

O trisavô do senhor Smith esteve no alto do Buçaco  
e era menino bonito do Duque de Wellington.  
Claro !: deu a volta a Portugal  
e, como herdara do pai o fino tacto  
dos honrados comerciantes de Liverpool,  
comprou uma quinta no Alto Douro, por uma bagatela.

Bons tempos esses em que a delicada goela inglesa  
trocava o «smoking», a cartola e a bengalinha de prata  
por um bom copo do aromático «port wine».  
Bons tempos ! — diz o amante de curiosidades durienses.  
O Marquês não seria lá muito honesto  
mas, ao menos, pôs os ingleses a beber.

Hoje, o senhor Smith é o dono da grande quinta :  
Setenta pipas de vinho de primeira,  
além dum extenso olival, dois pomares,  
um palacete, a habitação dos caseiros, os caseiros,  
trabalhadores eventuais e outras árvores de fruto.

O senhor Smith vem ali, de cinco em cinco anos,  
segundo o velho hábito dos Smiths.  
Assiste da janela a uma *cargação*,  
dizendo «good !, good !», enquanto bebe a delícia  
por copo alto (os cálices são para os portugueses)  
ou então vai-se até a um pomar,  
enfiado numas botas amarelas  
e ruminando dourados pensamentos.

Quando se despede, o senhor Smith não tem boa cara :  
A quinta hoje não *dar* resultado.  
Enfim, «my friend», *ser* preciso vender a quinta.

(Poemas Durienses)

## Vista parcial duma aldeia duriense

Há nesta aldeia oitocentas almas,  
mas vinte, pelo menos, têm o corpo  
lá longe, em terras de África. É a guerra.  
As cartas vão chegando como sopros.

Chegam as cartas e algumas notas de banco.  
O sô Manso já comprou um fogão a gás.  
Enquanto o filho arrisca a pele, ele  
vive um pouco melhor. Coisas da paz.

De lá perguntam como vai a cava,  
se as raparigas têm paciência, claro!  
se o vinho é bom, se os filhos obedecem.

Aquí, o dia vem depois da noite,  
mastigam-se as ideias com o caldo  
e, às vezes, as mulheres empalidecem.

## Pinhão, 8,20

Em Junho a fruta começa a apetecer.  
Um homem passeia no cais e debulha  
uma nêspêra com ar de quem faz horas.  
8, 20 — diz o relógio. Espera-se.  
O combóio, um monstro de cem bocas,  
pardo e caduco, fumeja lentamente  
como um charuto abandonado.  
Manhã de vidro, vê-se a montanha,  
tem de se ver; e sabe bem  
pôr os olhos lá no alto e deixá-los  
escorregar pela vinha, deixá-los  
de penhasco em penhasco, até à ponte  
de coxas graníticas e feias.  
O homem da nêspêra está junto  
duma gaiola de pombos correios.  
— Não bula — diz um carregador  
com ar de presidente da República.

Caixas, molhos de alface, um cabaz  
de cerejas, sacos e mais sacos  
e um bando de pardais numa roseira.  
Continua a esperar-se. Pouca gente.  
Os homens de fato-macaco olham-nos  
como a encomendas sem valor.  
O que importa — está-se mesmo a ver —  
são as caixas e os sacos. Caixas e sacos.  
O homem da nêpera tem bigodinho grisalho.  
Lá anda ele. Pôs um cigarro na boca  
e os olhos num rapaz que toca gaita de beijos,  
cara ao alto como se olhasse um avião.  
O rapaz tem certas semelhanças com o Marceneiro  
e uma flor vermelha no casaco desbotado.  
Que fresca melodia correndo  
aos saltinhos pelo pavimento  
de cimento e enrolando-se toda verde  
num ramo de laranjeira e crescendo  
crescendo como um fruto dourado!  
Partiiiiida — grita uma voz de lâmina.  
Partiiida. Volto-me. Lá se foi o homem da nêpera.

## Carta a João Cabral

Li num teu livro (e senti-o)  
que o Capibaribe é cão.  
Pois o Douro é um rio gato  
e o seu arranhar é tão

preciso que rói, corrói  
sucessivo, o que já estava.  
Ah se ele roesse apenas,  
dentro da que é sua casa!...

O pior é quando as unhas  
brotam ao longo do dorso:  
arranha fora do alcance  
e ei-lo todo em nosso corpo.

Falta a água, o sol abafa;  
estamos em pleno inferno  
de suor que, pouco a pouco,  
esvazia o pensamento.

Vem aqui, João Cabral;  
traz tua faca só lâmina.  
Sem cabo, mas punho humano;  
e que ela bem comandada.

Não tragas verbos de seda,  
avi-gaviões de círculos.  
tuas rosas de engenheiro :  
esse é outro paraíso.

Tua faca, sim, a lâmina  
que talhou o Severino  
e que pode um (não o) rosto  
verdadeiro deste rio.

Então, Cabral, tu verás  
como estas unhas rochosas,  
demonstrativas, laceram,  
felinas, aquelas rosas

diamantinas que de cima,  
do avião apareciam,  
e que o suor e que a raiva  
quantas vezes exterminam.

## A Régua

A Régua  
assemelha-se  
a um pensamento  
com  
suces-  
sivas ideias  
prestes a entrarem  
nos lábios  
do rio.

## Poema com história

Éramos seis na gare da estação.  
Lá ao fundo, encostado à parede,  
só, magnífico, a perna esquerda em triângulo,  
um rapaz tocava concertina.  
Um homem de calças engomadas lia o jornal  
e falava. Falava de guerra.  
«Que se matem. Uns e outros são contra nós»  
— comentou um velhote com ar de regedor.  
«Hindus e chins?! Tudo uma corja»  
— sentenciou o das calças engomadas.  
«Isso, isso. Corja. Lá se avenham».  
Uma pomba voava sobre e rio.  
O chefe da estação e o carregador  
tinha-se afastado, prudentemente.  
«É ao senhor que lhe parece?» — atirou-me  
o letrado das calças engomadas.  
«Que uns e outros são nossos irmãos».  
No silêncio que se seguiu, a concertina  
instalava na gare uma flor de poesia.

*(Os Homens cantam a Nordeste)*

Benvinda sejas, doce Primavera...

A Primavera veio hoje e passou  
por aqui a dizer-me que chegara,  
no assobio do melro que a saudou  
e na fragância leve, fina, clara.

Tivesse saúde e iria, ao sol-nascente,  
vestido de ramagens, frutos, flores,  
depor-te, Primavera, o meu ardente  
beijo nos férteis seios prometedores.  
(Assim até me sinto mais doente  
e abafado entre fofos cobertores.)

Porque seja eu embora um seco ramo  
desprendido da árvore da vida,  
sinto-me reviver no amor com que amo  
a beleza da terra re florida  
e nos frutos que a madre-seiva gera ..

Bem-vinda sejas, doce Primavera...

Cadáver...

O cadáver resiste  
às vagas que o arrastam para a barra:  
— cabeça  
no gesto de quem mergulha,  
os pés  
no gesto de quem se agarra...

Note-se que os extremos do cadáver  
travaram luta:  
cabeça, dentro da água,  
os pés, na praia enxuta.

E os braços, que flutuam,  
quando a onda os arremessa  
vão escrevendo o epitáfio:  
«Os pés se recusaram  
a seguir a cabeça...»

Na papeleta branca...

(Fragmento da III parte de «Hemoptise»)

Na papeleta branca, a negra tinta,  
o médico escreveu:  
«De noite vigiai o quarto trinta».

E eu  
(que sou o tal  
de quem a ficha reza mal:  
sangue pelo nariz  
e pela boca,  
olhos febris,  
magrinho como a roca,  
febre a quarenta,  
já se não tem de pé, não consegue dormir,  
não se alimenta  
e está sempre a sorrir, a sorrir, a sorrir,  
como se alguém  
lhe acenasse de Além  
... do céu...)

E eu,  
repito,  
no silêncio do quarto supradito  
vou cantando qualquer velho responso  
do meu já gasto reportório insonso:  
«A minha vida era uma flor  
viçosa, forte e bem nutrida  
— deu-lhe o micróbio na raiz  
murchou a flor da minha vida...

Meu peito, doirado cofre  
sempre cheio de sonhos loucos  
— entrou contigo a ferrugem  
vais-te desfazendo aos poucos!

Era um belo, um rico fruto  
o meu jovem coração  
— hoje, tocado do bicho,  
está aqui, está no chão!

Sonhador que tanto sonhas,  
mais sonhos não idealizes  
— de que te servem as folhas  
se te secam as raízes?»

. . . . .

(Hemoptise)

Ser ou não ser...

Ser ou não ser ?  
O tormento  
Do príncipe da Escandinávia  
Ganha em mim novo sentido  
Que não tem sentido algum...  
Alguém que fala na sombra,  
Que eu não conheço e pertence  
Ao meu mundo interior...  
Palavras a que eu empresto,  
Com o sangue das minhas veias  
E os tormentos da minha alma,  
Uma expressão que não têm.

Ser ou não ser ?  
Um silêncio sem remédio  
Abre as torneiros do tédio  
E afoga-me em solidão...  
E, sem querer, eu repito  
Essa expressão sem sentido  
Que o tempo não apagou :  
Ser ou não ser ?  
E orgulhoso respondo  
Como uma provocação :  
Eu sou.

Meu peremptório destino  
Que consente tais revoltas  
E que atas os meus pulsos  
Com algemas siderais,  
Se assim afirmas que sou  
Porque não deixas que eu seja  
Como os mais ?  
Meu peremptório destino,  
Talhado por outras mãos,  
Não tive culpa nenhuma  
Nem fiz nada p'ra nascer...  
Porque esta dúvida agora  
Esta expressão já delída :  
Ser ou não ser ? ..

Pedi emprestada a Vida,  
Dei a Morte em garantia...  
Por que me cobram os juros  
Dia a dia?  
Por que é que exigem de mim  
Que eu creia no que acreditam,  
Que faça o que eles fizeram?  
Porque é que exigem de mim  
Que pague o que me não deram?

## E eu que sonhava coisas impossíveis

E eu que sonhava coisas impossíveis  
Fui castigado pela vida e tive  
Um oceano de desilusões ..  
A multidão apedrejou-me,  
Chamou-me louco e outras coisas mais...  
Mas ninguém quis matar a minha fome,  
Esta fome de coisas irreais !...

Fui correr mundo esplêndido e sòzinho,  
Só com o vento como companheiro,  
E o farol da quimera a iluminar-me ..  
E nasceram-me urtigas no caminho...  
Fui repellido como um estrangeiro  
Por tudo aquilo a que queria dar-me!...

O mais pobre dos pobres que ainda havia  
Por covardia  
Recusou a esmola  
E até essa que mora  
Entre as celestes coisas impossíveis,  
Exigiu-me também, soberba e fria :  
— Dá-me o teu sonho, para o deitar fora...

Recusei-me e parti.  
Meu companheiro, o vento,  
Meu fiel companheiro desolado,  
Continuou a gemer a minha dor,  
A minha inútil dor, em tudo... em tudo...  
E eu, indiferente ao seu tormento,  
Continuava mudo  
Sempre a sonhar coisas impossíveis ..

E nem a Vida que ensinava os mais  
Com sua experiência repetida,  
A sua sábia e triste imitação,  
Que torna os homens iguais,  
Nem mesmo a Vida,  
Até a Vida procurou em vão  
Que eu não sonhasse coisas impossíveis! ..

Quando a Morte vier, branda e funesta,  
Vestida de tristeza e escuridão,  
Beijar, silenciosa, a minha testa  
E parar, subtil, meu coração,

Não é a ti, oh meu amor, que eu quero  
Junto de mim, chorando a tua mágoa.  
Como num jardim em desespero,  
Um ramo cai, por sobre um fio de água...  
Oh não! Não é a ti... mas sim Àquele  
Que, louco como eu, o torne eterno  
Tomando-o, em suas mãos, meu sonho inútil!  
Alguém como eu,  
Alguém que sonhe coisas impossíveis...

### Balada da amizade

És tu, decerto, o meu melhor amigo,  
Decerto aquele a quem eu quero mais...  
E quanta vez a conversar contigo  
Só por heróico esforço é que não digo  
Palavras violentas e brutais.

Sei que és leal e que desejas tudo  
Que de feliz me possa dar a sorte,  
E, quanta vez, num sofrimento mudo  
Sinto (e é em vão que o meu desejo iludo!)  
Que apenas posso desejar-te a morte.

E tu que és o meu melhor amigo  
Em certas horas sentes, como os mais,  
Um ódio lento, persistente, antigo,  
E há nos teus olhos, para meu castigo,  
O brilho inquieto e torvo dos punhais...

(Evasão)

## Vida eterna

Contento-me em saber que os meus desejos  
Hão-de levar-me um dia pelo espaço,  
Como quem leva amor metido em beijos  
E camélias sanguíneas no regaço.

Meus olhos hão-de ver pelas estrelas,  
O meu sonho há-de abrir-se, mais extenso;  
E Deus virá trazer-me, em caravelas,  
O segredo das coisas em que penso.

Enfloram-se-me as lágrimas em goivos!  
A dor desfaz-se num sorrir de noivos,  
Que os meus sentidos molham nos perfumes...

Como criança ao darem-lhe um brinquedo,  
Também eu brinco, alegre, sem ter medo  
De subir aos jardins dos vagalumes.

«Caminhos de Fogo»

## Sou filho da distância...

Sou filho da distância que me prende  
Ao centro da beleza do passado,  
Raio de Luz brilhante que surpreende  
O meu ser imortal, imaculado.

Milagre sou; e tudo em mim transcende,  
Na graça de vidente iluminado;  
Tudo em mim se dilata, alonga, esplende,  
Para além da mentira e do pecado.

Eu li a minha história não sei onde;  
Nalgum livro que o mal, teimoso, esconde  
Aos meus olhos sedentos de beleza.

Esqueci-me — esquecer é quase a morte! —  
E, desde então, lamento a feia sorte,  
Perdido na saudade e na tristeza.

(Em «O Diabo» de 28/6/1936)

## Cidade morta

Não posso mais suportar  
Este silêncio com olhos  
Da tarde que vai morrendo,

E o ar de pasmo das casas,  
E as ruas onde passaram  
Os últimos habitantes...

— Ai, Hora de horas perdidas!  
Ai, rio de águas corridas  
Que lá vão indo distantes!

Só eu fico no silêncio  
Da tarde cinzenta e baça  
Como impassível estátua  
Abandonada na praça.

Só eu fico, preso e absorto,  
Neste esperar sem esp'rança  
De quem ergue as mãos aos astros  
Sabendo que os não alcança.

Eu fico, mas tenho medo  
Quando chegue a noite fria;  
Medo das bocas das sombras  
Abertas à luz do dia.

Tenho medo! Vou gritar!  
E grito... Mas de tal jeito,  
Que o meu tormentoso grito  
Não sai de dentro do peito!

*(Em «Primeiro de Janeiro» de 24/10/45)*

## Êxodo

Para trás é o fogo na cidade;  
é ficarmos de pedra no caminho.  
Para trás não há pontes,  
o rio não tem margens  
e as águas abandonam nos ciprestes  
o cabelo dos náufragos.

Partiremos no tempo  
além das horas fátuas.  
Iremos de mãos brancas como círios  
no negrume das noites por abrir,  
lá onde o nosso cântico liberte  
o sono das estátuas.

(Em «Setentrião» n.º 1)

## Guerra e paz

Foi a seta mortal  
no dorso da gazela  
e uns olhos de pavor  
cem vezes repetidos;  
foi teu rasto de cinza  
por sobre o campo verde  
e as mãos que se dobraram  
nas asas dos insectos;  
foi o último ódio que floriu;  
foi um rubro clamor  
ardendo na cidade;  
foi teu punho fechado que se abriu  
para sair a abelha em liberdade!

(Em «Setentrião» n.º 2)

Perfeito é o príncipe

Perfeito é o príncipe  
morto nas ogivas  
do templo abandonado triste e só

As nuvens dizem promessas  
de cavalos soltos no espaço inundado  
de príncipes perfeitos  
nas ogivas mortas  
baladas longínquas dum amor não acabado

Uma vela acesa e o corpo abandonado  
onde estão os servos?

e os irmãos do rei?

e as trombetas de caça?

Uma vela acesa e corpo abandonado...

Canção III

Desejo-te inteira no falar dos sonhos  
e nas escadas verticais junto dos olhos  
desejo ter os lábios no teu peito  
colhendo malmequeres  
nos relevos do teu corpo

A nuvem ou um barco não importa  
ó imortal segredo de mágicas palavras  
ó falso abrir de bocas em íntimos receios!

Desejo-te renovada e sempre-em-fogo  
enquanto florirem os desejos  
nas cordas brancas  
de guitarras naufragadas

(O Perfil da Estátua)

## Resistência

Antes do primeiro dia  
virão horas de morte

horas de luta  
Antes de tu mulher tu amiga tu companheira  
abrangeres com esses olhos de antigas lágrimas  
uma planície ou uma montanha renovada de flores  
virão assassínios prisões desfiles e pedidos de Paz

Depois mulher serás mulher  
eu serei o teu companheiro no trabalho  
e nossos filhos hão-de sorrir ao tempo da fome das perseguições e da  
imprensa clandestina

Da fábrica — da magnífica fábrica do amor e da liberdade  
hão-de sair tractores com grinaldas de novas esperanças  
A ceifa a vândima os teares as oficinas os bancos das escolas as  
maternidades

tudo será a maravilha dos novos tempos

Tu mulher tu jovem mãe trabalhadora  
eu poeta desempregado  
nós habitantes todos da cidade-presente  
sonhadores da cidade-futuro  
seremos os construtores da fase primeira  
nossos filhos terão sob os pés as pedras dos túmulos  
nos olhos uma bandeira desfraldada

## Somos de pedra

Somos de pedra nos braços das estrelas  
e todos os dias temos um caminho a percorrer.

O caminho vai ter a uma parede  
onde desenhamos o nosso rosto  
e depois beijamo-nos demoradamente.

É vulgar saber-se que amanhã somos oiro,  
e por vezes apenas um nome,  
um nome que é túmulo,  
ou simples folha de papel,  
onde tu e eu esperamos ler  
a futura liberdade.

(Em «Saturno» n.º 2)

## Muita coisa eu sei

Muita coisa eu sei desde o anoitecer:  
palavras que ferem e queimam,  
nitidas como sal dentro dos lábios.

Muita coisa eu sei: casas sempre vazias,  
olhos com temor nocturno,  
altos segredos nas mãos crispadas,  
fome de pão, amor e paz.

Sabemos uns e outros muita coisa,  
contudo quantas vezes fechamos as janelas  
ao mel e sangue nos vidros da memória.

## No preciso momento de abrir os braços

No preciso momento de abrir os braços  
havemos de encontrar uma flor de giesta  
É a flor de Maio muito Antes do tempo devido  
é o sinal preciso e bastante — é o GRANDE SINAL

Quando encontrarmos a flor de giesta a flor de Maio  
virão as manhãs serenamente encostadas aos ombros das crianças  
os operários e os camponeses retornam à oficina e ao campo  
os namorados lançam-se nos seus duplos braços beijando-se novamente  
por entre os lábios  
e as mães que tiveram os filhos no exílio  
unem as vozes ao coro do povo vitorioso

Enquanto não encontrarmos a flor de giesta a flor de Maio  
ela florirá secretamente no segredo dos livros proibidos  
nos leitos pobres de pensão  
nas cartas dos amantes  
nas ervas dos campos  
nas alavancas das fábricas  
na quietude dos animais familiares

## Para além da árvore com limões

Para além da árvore com limões  
as casas erguem-se desafiando o medo.  
Uma tranquila mensagem de amor renasce em nosso corpo  
e nem as grades conseguem quebrar a interior harmonia.  
Renascem os campos e as folhas de papel  
antecipando-se à breve Primavera;  
o sol, o sol do dia a dia, em lentas carruagens  
percorre os olhos e entra pela boca.  
Não há o vinho necessário às mãos, nem a janela contém bandeiras,  
não há mulher, nem o oiro dos seus seios,  
mas continuamente existe o desejo,  
o querer reaver os objectos roubados,  
a quente satisfação de sermos integralmente nós e sempre nós.  
Não há ponte sobre o mar  
mas a força de a querer.

(Em «Poemas Livres» n.º 2)

## Óleo queimado

Neste tempo de sombras de cafés, tardes de suborno e esquecimento,  
o sabor da derrota é sabor a ódio.  
Em nódoas de Verão, horas de vigília e reconquista,  
breves palavras antigas ou baladas  
conferem ao desejo um único esforço.

Semelhantes a frutos, lâminas solenes,  
vamos diariamente marcando a morte das crianças,  
essas pequenas esperanças de súbita luz  
onde o ferro, a água, o nascer dos dias,  
combinam em si o desdobrar de pálpebras.

Neste tempo de fotografias em que inválidos, deformados pelo sono,  
dirigem a cansada época da basuka,  
do óleo queimado,  
maçã roída.  
árvore enfeitada de enforcados,  
ombro a ombro, há quem fabrique um país de tractores floridos,  
campos e cidades perfuradas por linhas de pão e amor.



Alimenta-me meu amor com o som  
das mais breves frases  
com o verde verde  
de imorais carroças vadios patriotas  
alimentando-se também  
com folhas de tabaco e harmónios  
Iremos com esses eternos vagabundos  
acender uma praça um canal  
todo um país  
Que nos ímportam os serenos cavalos  
os muros abertos pela chuva?  
Não será verdade que escolhemos  
uma estrada de lábios  
um lugar multidão de beijos ?

.....

Eu falo de um claro corpo de terra e sol  
canto o amor grito amor  
pois a mulher é claridade é tudo  
o que pensamos querer na Paz dos tempos  
Ternamente eu digo amor na intimidade  
de cúpulas salgadas Recordo  
as mulheres guerreiras fabuloso  
povo de amazonas mutilando o peito  
Falo dos peitos que se erguem  
e na sua curva de desejo são enseadas  
frescas abóbadas latejantes  
A grande jornada começa  
em volta de um peito de mulher  
Perfuramos arcas fecundadas e do bojo  
deslocam-se excelentes fugas perpetuadas  
de geração em geração  
Eis que na mulher doem os peitos  
de tanto prazer encontrado  
Ó vinhas destruídas pelo vento  
pequenas cidades adormecidas à beira dos montes  
marinheiros vogando mortos  
nos abismos onde não chega um olhar!  
Olhai de súbito o inesperado peito da jovem  
Como cresce como se alimenta de beijos!  
O vinho o leite seus mamilos róseos!

Como tudo isto é o grande movimento  
o palco giratório de duzentos espelhos facetados  
Transmigramos somos a fúria o sémen  
e nos peitos permanecemos amor amor!

.....

Entre o fogo e o vento semeio a voz  
já rouca de miríades de constelações poeira  
a arder nos olhos A voz dos símbolos  
o leão o golfinho o magnetismo do irmão do rei  
a natureza animal o rosto do iniciado  
E a mulher floresce abre-se  
incendeia-se de novo e não há mistério algum  
Terra arável ritual  
de atravessar as águas Mulher  
em que o ventre se ilumina  
de onde saem outras vozes Sublime  
criadora rasgando o próprio ventre  
Amante destruindo poeira Ó grande estrada  
que nos dá o culto da pedra e da flor!  
Sexo desenhado a medo agitando o mar  
é o próprio mar a origem do mar  
Sexo que se transforma acolhe  
respira como o trigo é o santuário  
onde se quebram hîmenes  
Deuses lançam secretas palavras  
é impossível conhecer os mistérios de Eleusis sem morrer  
E contigo nada é impossível  
vida mel transportadora  
de sinais cabalísticos na curva do ventre!  
Ah! como o espasmo é alegria mudança de nome  
Um corpo de mulher aberto ao nosso corpo!

.....

Na erva na areia mesmo na madeira do quarto  
os pés são quase o início  
Empenho-me em mostrar folhas e folhas

claríssimas mulheres caminhando  
levemente emocionadas de serem mulheres  
com o peso do seu mágico transbordar  
de óvulos casas volantes emigrações em massa  
Ela a mulher a nossa companheira  
vem com os pés plenos de chuva  
interior chuva cansada e chove o medo  
de se perder este adorável corpo

Assim fico parado quando olho  
os pés da mulher amada  
Pés que nos recolhem também acariciam  
apoiam-se em nós caminham fogem  
correm pelo tempo por vezes são violinos  
há neles um som de Primavera descalça

*(Fragmentos de -Corpo Terra«)*

## Pastorinha

Por ela, andou o Sol nos Horizontes,  
Pelas tardinhas mansas a sonhar;  
Como um pastor audaz transpôs os montes,  
E longe, longe se perdeu no mar!

Quando da Serra, à noite, as altas fronte  
Extáticas se põem a cismar,  
N'um segredo de amor, a voz das fontes  
Anunciou-o à doce luz do luar!

Ninguém na aldeia sabe d'onde veio  
A linda pastorinha, mas eu creio  
Que no seio da terra se criou:

Filha do Sol, da Lua, dos penedos,  
Nos seus olhos azuis leio os segredos  
Que outrora a Natureza lhe ensinou.

*(Fonte Branca)*

## Beira - Doiro

(fragmento)

Ó serras da Beira-Doiro,  
De Bagaúste ao Pinhão,  
Sepultas, como um tesoiro,  
Nas lágeas da solidão!

Ó terra toda aos socalcos,  
Num jeito de anfiteatro. .  
Onde o rio, lembra os palcos,  
Na ativa Roma! Teatro

P'ra sortidas de reis tártaros,  
Num furor de antigas eras...  
Para espectáculos bárbaros  
De cristãos dados às feras !

Terra vermelha, da cor  
De sangue velho, aos coágulos...  
Da túnica do Senhor,  
Nas ogivas dos retábulos !

Com silveirais em anéis,  
De rojos, como os escravos,  
Onde dormem as cruéis  
Matilhas de porcos bravos !

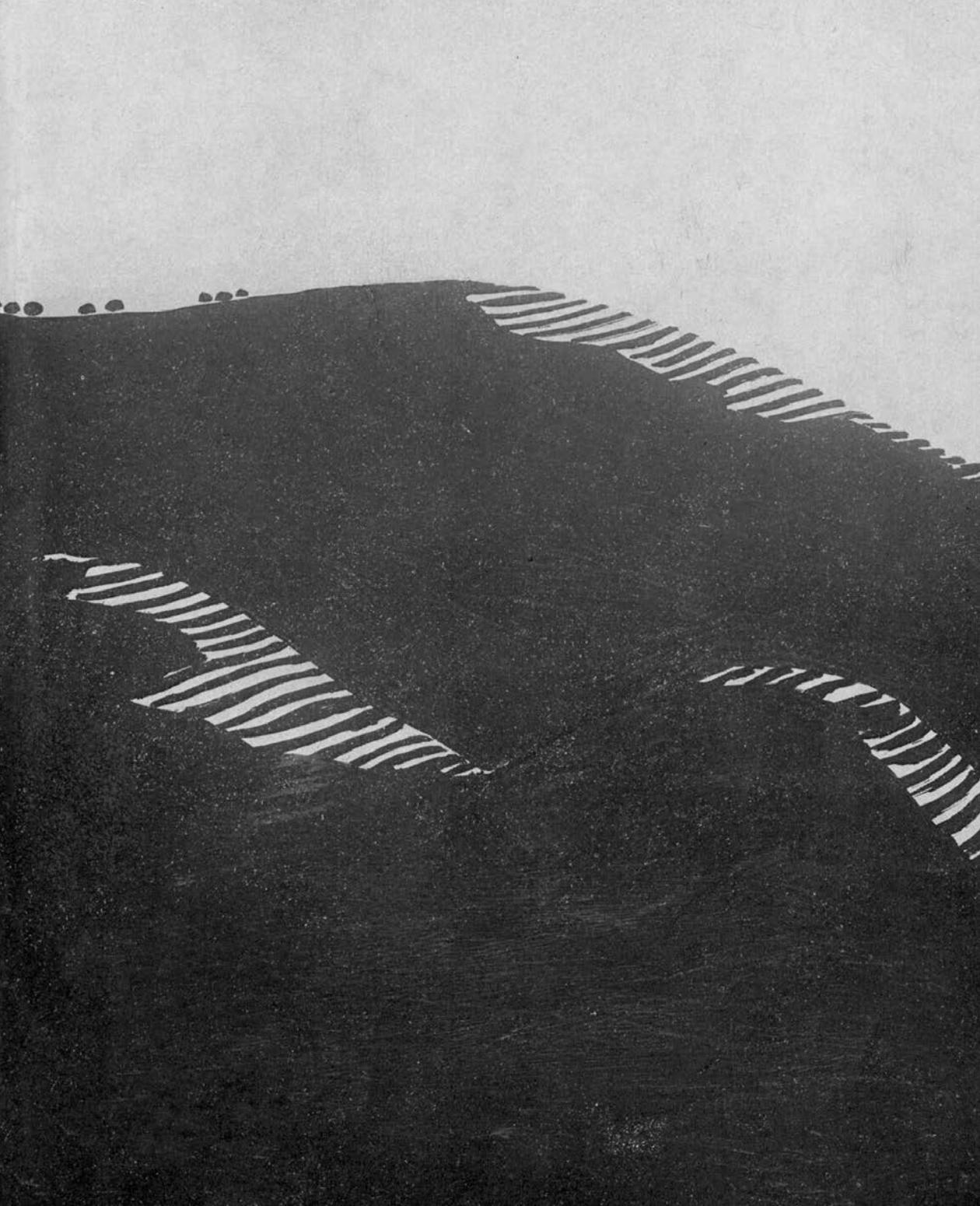
E bosques de medronheiros,  
Donde pende um fruto rubro,  
Quando morre em seus mosteiros  
«Velho monge...» o mês de Outubro...

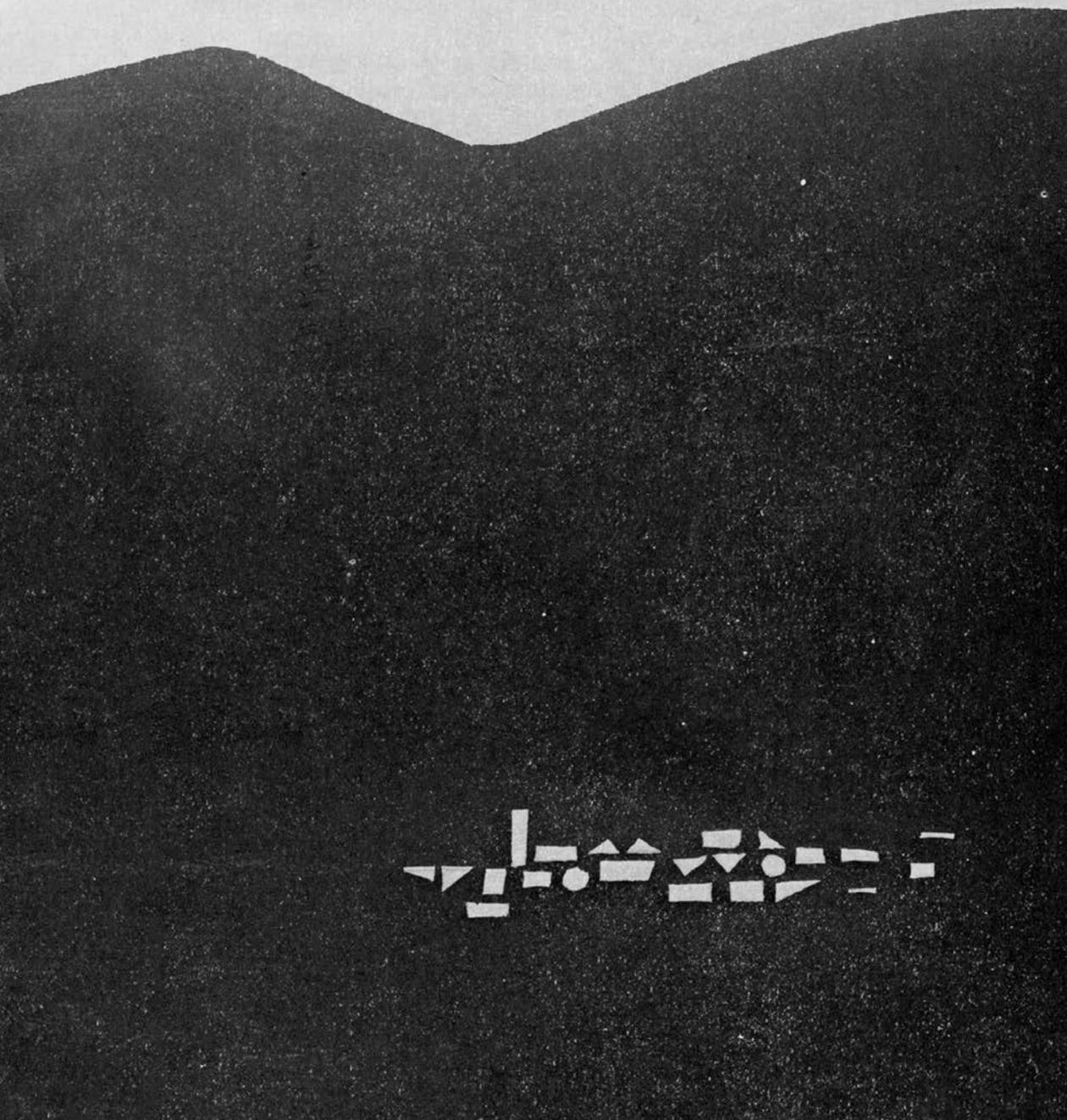
Ó terra do vento Sul,  
Dos sóis ardentes de lava,  
Abrindo na derme azul  
Em virulências de chaga !

Dos nevoeiros suspensos,  
Esparsos em fumos brancos,  
«Erguidos como os incensos,  
De ermos, profundos barrancos,»

Que ante a carícia fremente  
Da doce luz matutina  
Se elevam misticamente  
Para a presença divina  
Do tenebroso Marão,  
Grave e soturno e despido :  
Imagem dum deus pagão  
Em bronze eterno esculpido !

(Síntese)





## Visão

A nobre dama japonesa tinha,  
Na grande praça dos «Restauradores»,  
Tinha uma leve e esbelta figurinha  
Sob um quimono verde de flores...

Tinha o ar grácil da miniatura  
No vaso grego da feição mais pura...  
Olhos negros de fogo e de abandono,  
A viva timidez de ave ferida,  
Mãos de princesa que subisse ao trono,  
Dois pensos niveos sobre as minhas dores!...

Foi há três anos .. 'inda nela sonho!...  
Ditoso aquele que lhe desse a vida  
Dum culto breve de imortais amores!...

(Solstício)

## Canção da donzela morta

Que tristeza me faz o teu jardim!...

Saudoso da carícia dos teus dedos  
Finou-se aquele branco amor-perfeito,  
Que era bem o irmão gêmeo desse amor  
Nascido na fundura do teu peito...

À tília  
Queimou-lhe o frio a flor...  
E as urtigas os silvedos  
Invadem os canteiros,  
Secaram os teus verdes jasmineiros!...

À acácia  
Quebrou-lhe o vento os ramos;  
Na relva  
Crescem ervas. .  
E as rosas orvalhadas  
De mágoa põem-se a chorar por ti  
Quando nascem as brancas madrugada!...

(Voz Nua)

A trovoada

Fora uma trovoada como nem os mais velhos se lembravam. Durante a noite toda chovera e atroara. E a ribeira crescera, crescera e ouvia-se na aldeia a bater furiosa pelos fragaredos abaixo. No dia anterior o tempo estivera calmo e soalheiro. E de repente

Vermelho e quente caminhava o sol  
O sol caminhava quente e vermelho  
Caminhava o sol vermelho e quente  
E as plantas cresciam com o seu calor  
Pelo céu sereno iam nuvens brancas  
Nuvens brancas iam pelo céu sereno  
Iam nuvens brancas pelo céu sereno  
Vermelho e quente caminhava o sol  
Trabalhavam lentos os homens curvados  
Os homens curvados trabalhavam lentos  
Curvados os homens trabalhavam lentos  
Pelo céu sereno iam nuvens brancas  
Não aparecia o vento calado  
O vento calado não aparecia  
Calado o vento não aparecia  
Trabalhavam lentos os homens curvados  
Com esse calor as plantas cresciam  
As plantas cresciam com esse calor  
Cresciam as plantas com esse calor  
Não aparecia o vento calado

Para negro vivo o céu se mudou  
O céu se mudou para negro vivo  
Mudou-se o céu para negro vivo  
E caíram grossas as primeiras gotas  
Por detrás das nuvens o sol se encobriu  
O sol se encobriu por detrás das nuvens  
Se encobriu o sol por detrás das nuvens  
Para negro vivo o céu se mudou  
No seu trabalhar pararam os homens  
Os homens pararam no seu trabalhar  
Pararam os homens no seu trabalhar  
O sol se encobriu por detrás das nuvens

Com voz de trovão gritava o vento  
O vento gritava com voz de trovão  
Gritava o vento com voz de trovão  
No seu trabalhar pararam os homens  
E as primeiras gotas caíram grossas  
E grossas caíram as primeiras gotas  
E caíram grossas as primeiras gotas  
Gritava o vento com voz de trovão

No seu caminhar vai grande a ribeira  
A ribeira vai grande no seu caminhar  
Vai grande a ribeira no seu caminhar  
Já nada darão as hortas varridas  
Ao carvalho grande o raio fendeu  
O raio fendeu ao carvalho grande  
Fendeu o raio ao carvalho grande  
Vai grande a ribeira no seu caminhar  
Nas casas sem telhas vê-se o luar  
O luar se vê nas casas sem telhas  
Se vê o luar nas casas sem telhas  
Ao carvalho grande o raio fendeu  
Quantas se perderam das ovelhas mansas  
Das ovelhas mansas quantas se perderam  
Das mansas ovelhas quantas se perderam  
Nas casas sem telhas vê-se o luar  
Já nada darão as hortas varridas  
As hortas varridas já nada darão  
Varridas as hortas já nada darão  
Das ovelhas mansas quantas se perderam

E as notícias continuavam a chegar. O tio Luís, pastor do Doutor tinha sido apanhado por um raio. Vinha negro como carvão. Deixava mulher alnda nova e um filho por nascer

Na noite tão negra, de raios de luz  
Luzindo na noite  
Na noite tão negra, de raios de luz  
Meu homem ficou  
Por horas perdidas, metida em casa  
Ouvindo os trovões  
Por horas perdidas, metida em casa  
Meu homem lá fora  
Pensando no filho. que trago no ventre  
Agora sem pai

Pensando no filho, que trago no ventre  
E o pai lá ficou  
Meu homem pastor, perdido na serra  
Sòzinho na noite  
Meu homem pastor, perdido na serra  
Meu filho à espera  
Vieram dizer-me, na noite tão negra  
De raios de luz  
Vieram dizer-me, na noite tão negra  
Seu homem ficou  
Vieram dizer-me, a horas perdidas  
Ao som dos trovões  
Vieram dizer-me, a horas perdidas  
Que o pai lá ficou  
O filho que eu trago, agora sem pai  
Sòzinho na noite  
O filho que eu trago, agora sem pai  
À espera ficou  
Fiquei sem marido, meu filho sem pai  
Na noite tão negra  
Fiquei sem marido, meu filho sem pai  
E um homem sem vida  
Na noite tão negra, de raios de luz  
Luzindo na noite  
Na noite tão negra, de raios de luz  
Meu homem ficou

E o tio Centeio fora apanhado na azenha. O rio cres-  
cera de repente e ele não tivera tempo de fugir  
Durante três dias o procurámos  
A mulher andava como doída

Quando o rio cresceu  
E engoliu a azenha  
O moleiro morreu  
Ao fim de três dias  
Não tinha apar'cido  
Nem nunca apar'ceu  
E a mulher afirma  
Que ele há-de voltar  
Pois ele não morreu  
E nas noites mais negras  
Do rio mais grande

Ela grita no breu  
Que o moinho parado  
Não o pode vender  
Pois ele não morreu  
E os homens afirmam  
E as mulheres comentam  
Que não pode voltar  
C'oa pressa que ia  
De noite ou de dia  
O rio não pode voltar  
Mas quem o viu morto  
E quem o enterrou  
Já que ele morreu  
E os homens calados  
E as mulheres caladas  
Só olham o céu  
E a mulher afirma  
Que ele há-de voltar  
Um dia ao moinho  
E a mulher afirma  
Que ele há-de voltar  
Pelo mesmo caminho

(Inédito)

Trás-os-Montes

Eu nasci, aqui,  
Entre penhascos da serra,  
Cheios de beleza que aterra,  
E onde a urze e a luzerna  
Se abraçam na mesma terra  
E a mesma lei as governa.

Eu cresci, aqui,  
Entre penhascos da serra  
E gente que insulta a terra,  
O Deus, os homens, a sorte;  
E onde o amor e a lealdade,  
Como a luz e a verdade,  
Os dá a vida e leva a morte.

Eu vivi, aqui,  
Entre penhascos da serra.  
Cheia de beleza que aterra,  
E onde a urze e a luzerna  
Se abraçam na mesma terra  
E a mesma lei as governa.

(Seara)

Cântico panteísta

(fragmento)

Todos os anos a primavera traz uma força que revivifica  
a natureza  
As árvores rompem a carapaça endurecida pelo inverno  
Com a pujança delicada dos novos rebentos, que se transmutam  
em folhas e em flor.  
O pólen fecundando a flor, mata-a.  
Só pólen é a razão de ser da beleza e do aroma da flor.  
Criar e morrer na natureza é o mesmo.  
Que a flor será no fruto,  
O fruto será na árvore,  
E a árvore será no fruto e na flor, nas folhas e na raiz.

## Quadro

Os homens estavam encostados ao muro escurecido pelo tempo  
e polido pelo roçar diário dos corpos.  
Por detrás do muro, bem uns vinte metros abaixo,  
Havia a estrumeira local, onde as mulheres vinham deitar os  
dejectos de toda a existência humana,  
Havia até um velho ressequido e gasto, recolhendo papel  
para um saco.  
Mas os homens não viam o velho ressequido e gasto, recolhendo  
papel para um saco.  
Mas os homens não viam o velho, nem sentiam o cheiro,  
Porque aquele era o local mais soalheiro do lugar,  
E depois. . .  
Havia logo ali em frente a tasca do Barbaças.

Mesmo quando choviscava, se não havia vento, os homens ficavam  
ali fumando e conversando de guarda-chuvas abertos.  
Se alguém aludia à chuva  
Os homens olhavam se uns aos outros, estranhos.  
Às vezes, desistiam de ali estar e iam para o Barbaças,  
Outras vezes, ficavam sentindo o desconforto da chuva caindo.

(Negro Sobre Negro)

Marão

Deslumbra-me a grandeza da montanha  
No seu pesado sonho de granito  
A libertar-se, em convulsão estranha,  
Da própria terra em ânsias de Infinito!

Atira para o azul aquele grito  
De silêncio que a noite desentranha  
E fica a arder, como um clarão maldito,  
Na treva em que mais grita e mais se entranha!

Marão, lavrado púlpito dos ventos  
Pregando desesperos e lamentos  
No solene ritual das tempestades!

Marão a terra toda transmontana  
E a sua extraordinária noite humana  
Sonhando altura em doidas claridades!...

Terra Transmontana

Ó terra transmontana, ó minha irmã!  
Ó mar de negras ondas que são penhas  
A contorcer-se em convulsões estranhas  
Na luz ainda sonho da manhã!

Ó altitudes onde a luz pagã,  
Por cerros fragarosos de montanhas,  
Rasga o seu corpo firme e as entranhas  
Numa aleluia azul mais pura e sã!

Ó terra transmontana, húmus sagrado,  
Irmão do pó volúvel amassado  
Nas plasmadoras mãos do criador!

Prende-me a ti o verbo madrugante  
Do próprio ser, no Génesis distante,  
E eu não sou eu mas tu no meu amor!...

(Musa Antiga)

## Testamento

Meu filho! .  
— E à sua volta  
O olhar anoitescete,  
Já sem brilho,  
Acende na luz dúbia e tonta  
Uma chama de revolta  
E a mão tremente  
A custo aponta  
A velha enxada  
A arder  
Como um clarão de espada!...  
— Meu filho, (são assim os ganhões  
Ao morrer! . )  
Deixo-te a fome herdada  
De nem eu sei já quantas gerações!...

## Trás-os-Montes

Ó meu vulcão de rocha, Trás-os-Montes,  
Eu trago a alma cheia de paisagem,  
Arde-me o olhar em febre na estiagem  
Da mágoa que secou nas tuas fontes.

Alongam-se em saudade os horizontes,  
Desfolham-se em lembranças pela aragem  
E eu sou em mim a tua viva imagem  
Subindo de joelhos os teus montes.

És máscara de bronze e de granito  
Talhada a desespero em rocha dura?!...  
Eu sou a dor humana do teu grito!...

Mas quando reflorescem tuas mágoas  
Em comovidas ânsias de verdura,  
Sou todo o canto em flor das tuas águas!...

## Eu te saúdo velha Maria da terra

Eh Maria sem mar,  
olhos cor da terra  
de tanto a olhar,  
trabalha duro,  
trabalha,  
remexe a terra  
mil vezes mexida,  
bate a enxada  
mil vezes pegada  
e faz do quase-nada  
outra vez a vida.

## Retrato

(Ao meu outro que sou eu mesmo)

Vejo-te embrulhado em brancas sedas  
— pescoço envolto em leques de cetim.  
Há mantos perdidos, nos roxos salões  
de uma branca torre de agulhas de marfim.  
Casacas doiradas doiram teu palácio,  
com doirados sons de música violina  
Cantam teus pagens a morta  
saudade das tulipas mortas.  
E eu vejo-te desvairado,  
olhando o espelho grande  
de um salão doirado,  
em tua torre branca de marfim.  
Sei-te rei no país em que vives  
e escravo em terras d'outro sonho.  
— Há lágrimas de círios em teus olhos.  
E tu sonhas, tu sonhas ainda...

(O Sol e a Lua)

## Sinfonia do vidro da carruagem

O silêncio quedava exuberante na paisagem  
quando o grito do vento acordava os outros montes.  
Passavam de mansinho velhas aves.  
E tu, sentada, eras em silêncio  
meu desejo aproximado.  
Nascida a paz em nossos gestos  
e em cores espalhava-se nos outeircs...  
A chuva, brincando em sorrisos,  
estalava nas vidraças e tecia lágrimas  
em tua face de paisagem.  
E quis amar-te com palavras que não tinha,  
com desejos barrentos do rio que passava.  
Mas a harmonia total era o silêncio  
a que nos dávamos  
sem palavras que abrissem nossos nomes  
para o desejo comum desta paisagem.

## Canto

Quero erguer-me  
neste vazio onde me vejo,  
num poema de frutos,  
tecido do canto de flores,  
como se esta solidão  
fosse a música das colheitas  
que baila ainda em cor  
nas espigas das searas.

Uma esp'rança de velas  
nasce em minhas mãos,  
abrindo ondas de luz  
no silêncio das areias  
que fogem na dor das praias  
de meus dedos.

## Música em mim

A música gira  
e em círculos longos vai rodando sobre o parque  
num abraço de ternura intocável.  
Abraçada à grande estátua  
mergulha solene sobre o lago.  
Os grandes círculos prendem os cisnes  
que fascinados  
são levados  
na morte que chega.  
Absortos, como também tocados pela luz,  
cruzamos os dedos nos gestos comuns da esp'rança  
e ficamos olhando, nos lagos onde os cisnes cantam,  
o eterno azul dos nossos olhos.  
E a música da chuva,  
escorrendo pelos cantos do jardim,  
chora nas folhas deste Outono  
a dor longínqua que vai em mim...

(Seiva e Sangue)

## Gesto oblíquo

Na desenvoltura da manhã  
o canto débil dos pássaros  
compõe  
as póstumas canções do tempo.

E aquele rapaz de olhos verdes,  
de rosto sereno,  
vai chorando os desvãos  
do desejo  
nas últimas aberturas  
que reflorescem dos campos  
ao mar.

De cada pinheiro nasce  
uma sombra,  
de cada boca a flor da mesma flor  
que se perdeu,

lírigo sossego de azul  
transparente de nós alegres.  
Gostava das sombras leves  
de quem ama.

Eu sou o velho  
duma minha lembrança —  
— finais canções do tempo.

Aquela gente  
atravessa no meu porto infinito  
com rumo  
de tâmaras,  
cor e sombras de flor,

sangue  
em boca de música  
fechando nos olhos  
círculos de sorriso.

No meu porto cansado infinito,  
as paisagens translúcidas,  
o desejo ensanguentado  
e o súbito silêncio contente  
dos teus olhos

Apavora-me esta fixidez solene  
das coisas que recolhem  
deserto sem oásis,  
onde a húrri passou peremptóriamente  
sem flores...

Sobem muros de nuvens  
a tactear o rumo.  
Neles dura o meu olhar  
sem saber, sem morrer  
a inocência do lume.

Vem a noite  
branca;  
só a noite dá os astros, só a alma  
dá rastros  
e lábios que florescem de sangue.

*(Vilegiatura do Dia)*

## Persianas

(fragmento)

Aqui na montanha as persianas são os espaço  
a flor brava da luta  
e o sonho que escondemos  
como um pecado.  
Sonhos com laranjas,  
presos,  
onde  
as árvores da libertação e as praias do cansaço  
abraçam pelos cabelos o farrapo que nós somos

Hoje, não.  
Súbitamente urgente.  
Vou dar de comer às tartarugas; enrodilhar tudo  
no corpo dos polos  
e ver estes peixes na água.  
Pôr cristais nos pés, quando nos repetimos.  
Cerrar os olhos fundamentalmente.  
Podes falar de coisas maravilhosas;  
que os muesins espalham dos minaretes  
todas as mágicas luzes azuis;  
que abrem no crepúsculo as delícias dos haréns;  
podes trazer da água celideias  
para as minhas espáduas.  
Podes dizer que fugimos de nós próprios  
para acordarmos as adormecidas esfinges  
e nos exibimos.  
Que nos olhamos só a nós  
mais inexpressivos,  
vazios  
e ridículos.  
É a burguesia rica tem medo  
do riso puro e vegetalizado e dos abandonos.  
Podes mas não fales assim.  
Conta-me antes as tuas histórias  
que me fazem julgar pequeno.

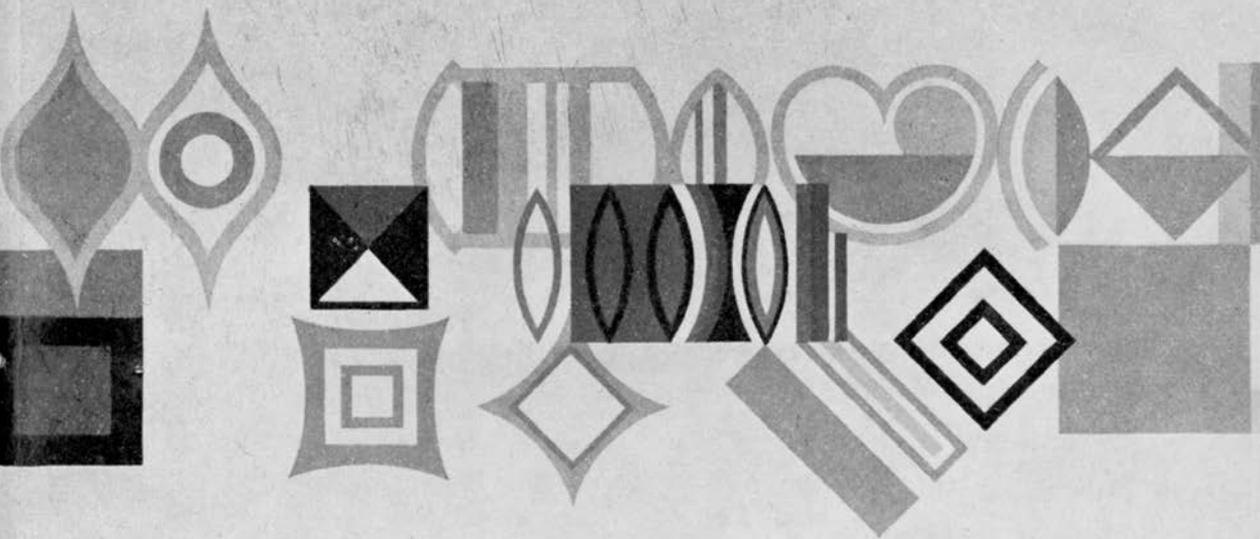
## Vamos na libertação

(fragmento)

No luxo e entre figuras  
com fome de intimidade,  
    nos esqueletos ainda musicais;  
    na transmissão elegante  
    e na insignificância dos gestos,  
    todos os dedos  
    abrem uma canção mais suave.

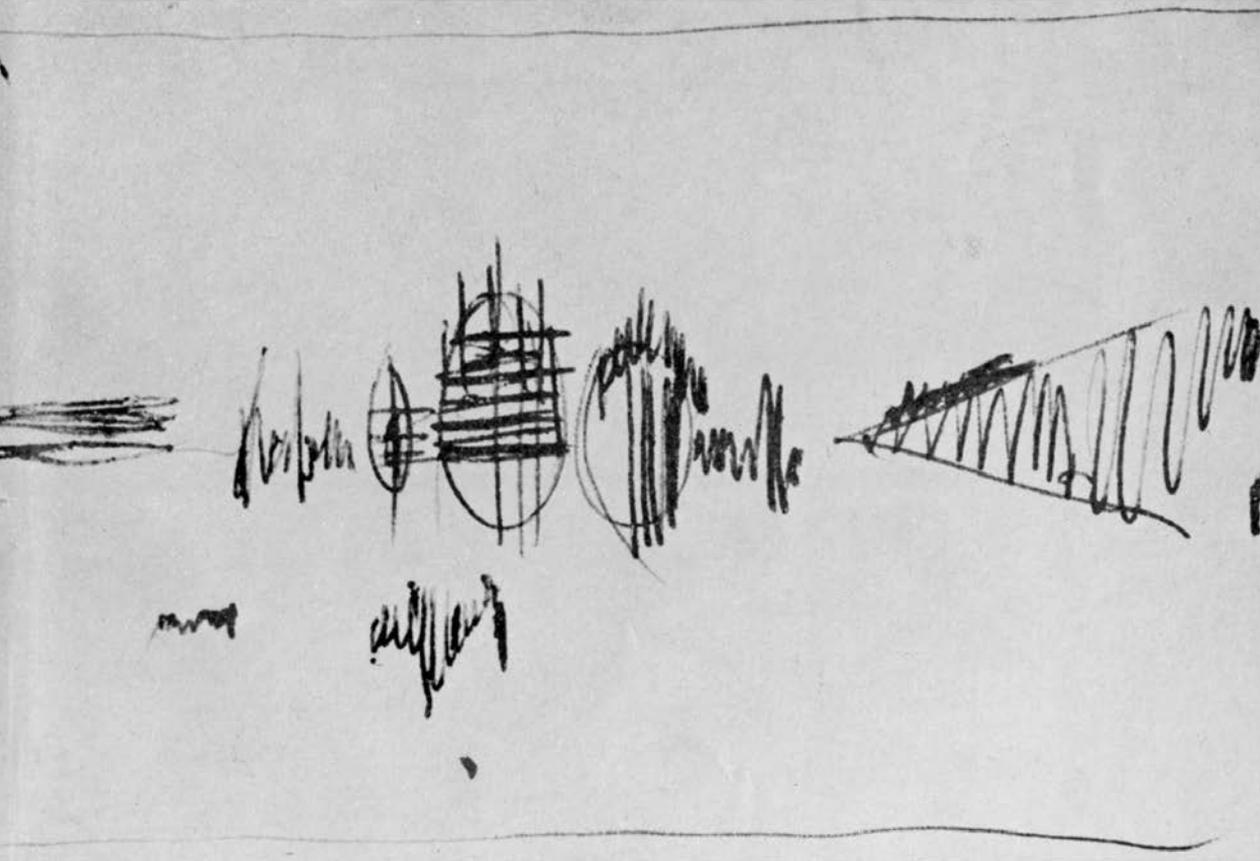
Nas conversas secretas  
e quentes  
dos cafês;  
(Grande Trás-os-Montes do asco, do amor,  
dos fogões de sala)  
    nas fogueiras ao ar livre,  
    onde rostos de homens, mulheres  
    e crianças sorvem uma nesga de calor,  
    alarga-se o desafio à noite.  
Nos povos que lutam, nas rectas  
para a montanha,  
nas bichas dos automóveis pelas estradas,  
está a cair neve.  
E não há revolta  
(apenas a revolta do pão e das canções  
inúteis).  
Mas pede-se um fim às coisas, ao riso,  
às horas e um reverdecimento  
à noite dos ossos.

*(Algas e Deuses)*



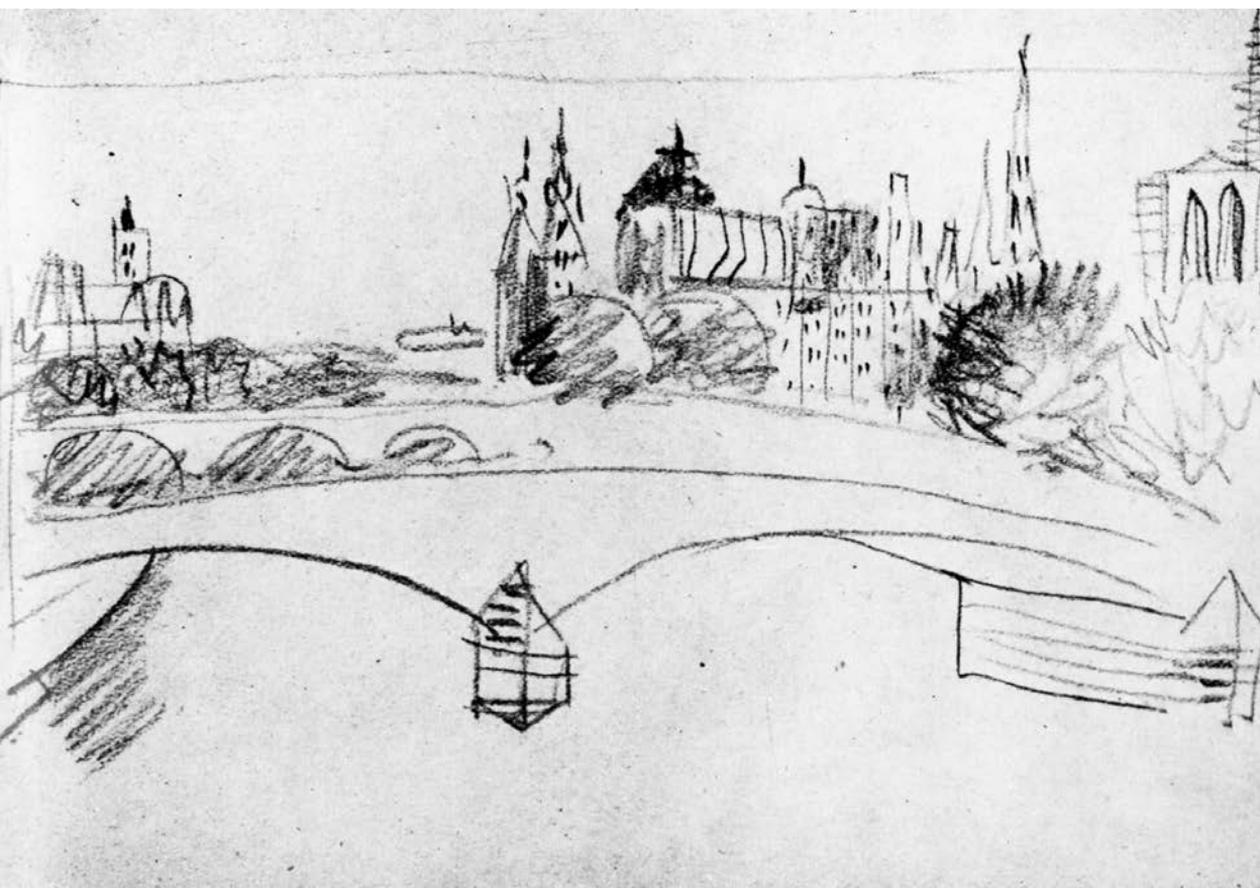
COMPOSIÇÃO

NADIR AFONSO



ESTUDO

NADIR AFONSO



ESTUDO

NADIR AFONSO

E o oráculo assim falou:

«Não tardará que rosa dos ventos  
fora,  
no ar, na terra e no mar,  
de dia, de noite e a toda a hora,  
fogo e sangue, sangue e fogo,  
se vazem num clarão e charco  
vermelhos,  
em que tudo caia de borco,  
velho, gasto e sem remédio.

E essa será a hora derradeira  
do presente na remissão definitiva  
do futuro,  
em que um mundo morre  
para que outro nasça em paz e em  
justiça.

— Hora em que o homem finalmente em si descansa,  
porque depois de tanto se haver procurado,  
só então verdadeiramente se alcança! . . .»

(«O Diabo», n.º 270, de 25-11-1939)

## Poema inominado

A Maria, claro, dorme no sótão.  
A Maria deita-se tarde e levanta-se cedo.  
A Maria varre, esfrega e limpa a casa,  
arrecebe o pão ao padeiro,  
o leite ao leiteiro,  
e prepara o pequeno almoço  
prós patrões tomarem na cama regalados.  
A Maria veste os meninos malcriados  
e já todos senhores do seu nariz.  
A Maria vai ás compras e vem das compras,  
faz o almoço e serve o almoço,  
faz o jantar e serve o jantar,  
põe a mesa e levanta a mesa,  
lava a louça e limpa a louça,  
vai aos recados e vem dos recados,  
faz isto e faz aquilo.

Maria, anda l. . Anda, Maria,  
que para isso te pagam e sustentam!  
E, se adoceeres, vai pra um hospital tratar-te  
e, se casares, enche-te de filhos  
pra que haja sempre quem sirva, Maria!  
E, se chegares a velha,  
estoira de fome aí pra um canto qualquer,  
porque já não serves pra nada, Maria!

Maria, anda! .. Anda Maria!...  
Doba, doba, dobadoira, doba...

Não arrecebeste educação de teus pais,  
nem instrução, nem nada.  
porque eles a não tinham nem posses pra ta dar.  
— Deram-te o corpo, deram-te os braços  
e as mãos pra trabalhar.

E não sabes falar, Maria,  
e não sabes falar!

*(2.º Vol. de «Contos e Poemas»,  
modernos autores portugueses, Lisboa, 1942)*

## Prevenção

Apurem bem o ouvido  
os que na hora derradeira  
me acompanharem até junto  
dos quatro palmos de terra  
que me estão reservados,  
e em que hão-de meter-me  
inerte, hirto, gelado,  
porque decerto ouvirão  
meu protesto inútil, desesperado,  
por pra sempre haver perdido a Vida,  
que não vivi ou vivi demasiado...

*(«O Diabo», n.º 294, de 11-5-1940, e  
«Mundo Literário», n.º 43, 1 de Março de 1947)*

## O que ao poeta importa

Versos. versos que são?

Neblina? Poalha? Fogo erguido  
breve consumido?

Tudo isso eles são  
ou serão  
tantas vezes.

Mas ao poeta que importa?

(Se cantando só quer erguer,  
ainda que fugaz,  
um clarão de humanidade)

## Caboucos

Pegado a mim trago o torrão  
onde nasci;

sou a raiz da lembrança  
do tempo que nele vivi.

É daqui desviado :

— Fica onde há montanhas  
altas,  
falar certo e honrado.

## Apeteci-te brinquedo

Vieste depois de mim  
com a tua cauda polvilhada  
de mistério  
e o ar cansado da longa viagem  
Via-se bem que outros desígnios  
não tinhas  
senão os de passar seguir em  
frente  
obedecer ao teu destino.

Mas se nisso reparaste  
não foi senão para passar mais  
depressa fugir  
ainda que parecesses parado.

Ah estou a ver-te girino de rã  
nos céus estrelados daquelas  
noites de primavera em que vieste!

Estou a ver-te.

Para mim tu outra coisa não eras  
mais do que um brinquedo  
que tinha o contra de não estar  
ao alcance dos meus dedos sequiosos.  
E o que eu te olhava e apetecia!  
Tanto  
que teria querido armar-te uma  
esperrela  
para que nela caíesses.

Mas bem sentia que não.

Voavas alto demais  
e com outras asas que não as de  
pássaro.

Ah cometa de Halley  
como gostaria de voltar a ver-te  
com os mesmos olhos e sem outra  
inquietação senão a de querer-te  
para brinquedo!

Mas quando voltares  
(que tu hás-de voltar)  
com a tua cauda polvilhada de  
mistério  
e o teu ar cansado da longa  
viagem  
já não terei olhos para te ver  
nem dedos para desejar-te meu  
brinquedo.

Tudo de mim estará submerso!

*(Sabor a terra)*

Renúncia

Deixarei de existir  
No ciclo conhecido.  
Não mais esculturas  
Transparentes  
Nas minhas mãos!  
E tudo .. será o mesmo tudo  
Repetido  
E eu seguirei sòzinha  
No infinito  
Saudade? Dor? Indiferença?  
O meu olhar sem certeza  
Seguirá o caminho das órbitas  
Naquele abandono lírico  
Das crianças...  
Sublime, a Poesia  
Será o único pão da minha mesa  
Depois... muito depois...  
Pensarei que são minhas,  
Do meu peito de cisne,  
Todas as penas daquele ninho  
A' beira do rio...

Oferta

Vem!... Aqui é sem ti que as nuvens se dispersam  
Numa lenta agonia,  
Num imenso adeus!  
E' sem ti que as pálpebras tombadas  
Sob o frio da luz  
Se eternizam  
Num jeito cansado de conchas milenárias!  
Escuta: ainda há palavras para além das quais  
O voo fumarento das aves  
E' ainda saudade de palavras  
D'amor!  
Vem... ó vem!  
Que toda a juventude dos meus braços  
Te contará a lenda dessa taça de carne  
Onde a ira de Deus  
Nos baptizou...

(Suavidade)

## Nocturno

E', em si, o perfume e o rumor  
Duma haste de flor !

.....  
Em um trono só de bruma  
Repousa a noite  
Sua leve cabeça vento-sul,  
E a estrela polar vem, pela caruma  
De astros... céu em fora,  
oferecer uma colcha toda azul !

Já a lua, pupila suspeitosa,  
Vai encontrar o seu luar que chora  
Nos braços duma sílfide, com sexo da rosa...  
E as brisas repartidas,  
Cume em cume,  
São os colares de pedras coloridas  
Que lhe vem ofertar  
O ciúme  
Do mar !

.....  
E', em si, o perfume e o rumor  
Duma haste de flor !

E está também na noite  
E sofre como a lua...

Está na noite e desce  
E vem serena,  
Onde o último passo ecoa e esquece !

Está na noite e é só  
e cai... de rastos...

Soluçam cravos pelos becos fundos !  
E os cães vadios, trágicos, imundos,  
Lambem sem dó  
Seus brancos ossos de astros...

*(Litoral do Sonho)*

Hino à terra

Terra solidificada  
No gelo das palavras!  
Queremos olhos de mica para os revérberos indecisos  
É lágrimas de sol, de areia, de miragem.

Terra! Taigeto!  
Tens alicerces nas estrelas  
Mas vejo para lá de ti,  
Lama dos meus caminhos!

Rasgas a paisagem  
E atiras um vento desconhecido  
— o voo lento da mulher desvirginada —  
A' minha vidraça.

Os teus cumes alongam o azul que te cobre  
Nos sábados de mármore  
Que passam desfolhando um cardo  
E arrebatam o riso dos fantasmas.

Terra Fria — de olhar ferido!  
Terra Fria — na minha paisagem de poeta e terramoto.

Terra fria

Aqui a manhã chega mais cedo a nossas casas,  
... para nos encontrar ao fim da lareira.  
Da lâmina da enxada nasce depois  
Um sol enorme,  
Paralelo a nós,  
E uma sombra, longa, longa.

Sobrevivemos como as águas de dilúvio,  
Os assobios dos zagais  
As desfolhadas em noites mulatas,  
As neves e os quarenta graus de Julho.

Aqui todas as vozes se perdem  
Dentro de nós, às Trindades.

Regressamos então, debruçados, arquejantes,  
Ao peso de um saco de batatas  
Que nos fará bendizer a Corte Celestial  
Por noites sem fim  
No escabelo negro da lareira.

Terra Fria,  
Pão partido,  
Tormento líquido onde há lágrimas para tudo:  
Umhas quantas para o nome duma avó,  
Outras tantas para a carta que chega do Brasil.

Terra Fria,  
Terra feita à dor como tributo!

Terra Fria,  
Terra — Orgulho;  
Fria — Vingança.  
«Por aqui não passou Cristo»  
Mas a espera continua,  
Enferrujada  
Lança  
Nas enferrujadas mãos.

Terra Fria,  
Dos homens precocemente envelhecidos,  
Em cujo granito não há lugar para mais rugas.

Terra Fria  
Terra de homens temidos,  
Tementes a Deus em mil côvados de Terra.

Terra Fria,  
Terra Mãe,  
Neste correr ceca e meca  
E olivais de Santarém.

Terra Fria,  
Cintel bendito do amor,  
Carvalho mutilado,  
Penedia cerce  
Onde a aurora vinga  
E o Centauro ajoelha.

Terra Fria,  
O' calvário onde apodrecem carnes, almas, corações  
E a camisa de linho inconsútil  
Das vetustas gerações!  
No céu não cabe tanto sofrimento — é inútil.

Terra Fria,  
Terra feita necessária pela terra,  
Alma feita necessária pela alma,  
Olimpo dos escravos  
— Antigo Testamento —  
Oh terra — pulsação!

*(Terra Fria)*

## Vindima

Mosto, descantes, e um rumor de passos  
Na terra recalçada de vinhedos.  
Um fermentar de forças e cansaços  
Em altas confidências e segredos.

Laivos de sangue nos poentes braços.  
Doçura quente em corações azedos.  
E, sobretudo, pés olhos e braços  
Alegres como peças de brinquedos.

Fim de parto ou vida, ninguém sabe  
A medida precisa que lhe cabe  
No tempo, na alegria e na tristeza.

Rasgam-se os véus do sonho e da desgraça.  
Ergue-se em cheio a taça  
A' própria confusão da natureza.

(Libertação)

## Divindade

Hirta, a fraga maior olha a montanha,  
Seu corpo, sua força e sua graça.  
Hirta, olha o rio claro onde se banha,  
Hirta, olha o sol que se levanta e passa.

Hera nenhuma deste mundo a enlaça.  
Pena nenhuma sobe a paz tamanha.  
Ninguém levanta ali a sua taça,  
Suor nenhum aquele granito amanha.

Perto do céu, petrificada e dura,  
Nenhuma dor oscila à sua altura,  
Nenhum arfar lhe muda a condição

Fria e distante, já não há verdade  
Que quebre a solidão e a majestade  
Da deusa que foi lama aqui no chão.

(Libertação)

## Ar livre

Ar livre, que não respiro  
Ou são pela asfixia  
Miséria de cobardia  
Que não arromba a janela  
Da sala onde a fantasia  
Estiola e fica amarela!

Ar livre, digo-vos eu!  
Ou estamos nalgum museu  
De manequins de cartão?  
Abaixa! E ninguém se importe!  
Antes o caos que a morte...  
De par em par, pois então?!

Ar livre! Correntes de ar  
Por toda a casa empestada!  
(Vendavais na terra inteira,  
A própria dor arejada,  
— E nós nesta borralheira  
De estufa calafetada!)

Ar livre! Que ninguém canta  
Com a corda na garganta,  
Tolhido da inspiração!  
Ar livre, como se tem  
Fora do ventre da mãe,  
Desligado do cordão!

Ar livre, sem restrições!  
Ou há pulmões,  
Ou não há!  
Fechem as outras riquezas,  
Mas tenham fartas as mesas  
Do ar que a vida nos dá!

(Cântico do homem)

## Federico Garcia Lorca

Garcia Lorca, irmão :  
Sou eu ainda, sonha ..  
Venho, porque este humano coração  
Não tem força que ponha  
Silêncio onde se deve gratidão.

Venho e virei enquanto houver poesia,  
Vida e povo na Ibéria.  
Venho e virei à tua romaria  
Oferecer-te a miséria  
Duma oração lusiada e sombria.

Venho, poeta branco da Nevada,  
Filho novo de Espanha!  
Venho, e não digas nada;  
Deixa um pobre poeta da montanha  
Trazer torgas à terra de Granada!

Indomável cigano  
Dos caminhos do tempo e da ventura,  
Sensual e profano,  
O teu génio floresce cada ano...  
Venho ver-te crescer da sepultura!

Bruxo das sombras onde alguém te quis,  
Nimbaste de magia o que escreveste!  
Sete palmos de terra, e nenhum diz  
Que secou a raiz,  
Que partiste ou morreste!

Uma luz que é o oceano da verdade  
Abre-se onde os teus versos vão abrindo...  
A eternidade.  
Na pureza da sua claridade,  
Sobre o teu nome, universal, caindo...

E o peregrino vem.  
Reza, chora de amor,  
Põe no altar o que tem,  
E sofre mais contente a sua dor...  
Deixa-me vir, também!

*(Alguns Poemas Ibéricos)*

## Maceração

Pisa os meus versos. Musa insatisfeita!  
Nenhum deles te merece.  
São frutos acres que não apetece  
Comer.  
Falta-lhes génio, o sol que amadurece  
O que sabe nascer.

Cospe de tédio e nojo  
Em cada imagem que te desfigura.  
Nega esta rima impura  
Que responde de ouvido.  
Denuncia estas sílabas contadas,  
Vestígios digitais do evadido  
Que deixa atrás de si as impressões marcadas.

E corta-me de vez as asas que me deste.  
Mandaste-me voar;  
E eu tinha um corpo inteiro a recusar  
Esse ímpeto celeste.

*(Penas do Purgatório)*

## Sondagem

Angústia marginal dos mares humanos...  
É mais dentro e mais fundo que me dói.  
Nem ondas, nem destroços  
Dos meus ossos  
Na mortalha passiva do areal.  
O largo desespero inconformado,  
Onde cada queixume enrodilhado  
É um soluço abissal.

Progressiva adição do sofrimento,  
É como se os ribeiros,  
E as torrentes,  
E os rios,  
E os lagos que há no mundo  
Se juntassem num trágico oceano  
Sem margens de sossego.  
Oceano maldito e penitente,  
Da ilusão  
Lavra e semeia  
De versos e de acenos de sereia.

*(Orfeu Rebelde)*

## Tatuagem

Um verso apenas, mas que fique impresso  
Na morena epiderme  
Do teu corpo maciço;  
Um verso agradecido  
À universal beleza  
Do teu rosto redondo,  
Infantigavelmente variado;  
Um verso branco e puro  
De rendido louvor  
A' serena ironia  
Com que deixas brincar no teu regaço  
A inquietação,  
E devolves o eco  
De cada grito  
A' boca enfurecida,  
— Terra, pátria da vida!  
Eva que o sol fecunda do infinito!

(Diário VIII)

## Não passarão

Não desesperes, Mãe!  
O último triunfo é interdito  
Aos heróis que o não são.  
Lembra-te do teu grito:  
*Não passarão!*

Não passarão!  
Só mesmo se parasse o coração  
Que te bate no peito.  
Só mesmo se pudesse haver sentido  
Entre o sangue vertido  
E o sonho desfeito.

Só mesmo se a raiz bebesse em lodo  
De traição e de crime.  
Só mesmo se não fosse o mundo todo  
Que na tua tragédia se redime

Não passarão!  
Arde a seara, mas dum simples grão  
Nasce o trigal de novo.  
Morrem filhos e filhas da nação,  
Não morre um povo'

Não passarão!  
Seja qual for a fúria da agressão,  
As forças que te querem jugular  
Não poderão passar  
Sobre a dor infinita desse não  
Que a terra inteira ouviu  
E repetiu:  
Não passarão!

*(Poemas Ibéricos)*

## Viagem

Vem comigo, não me deixes ir sózinho.  
Ao desdém pelo mundo!...  
As pedras do caminho  
Hão-de por certo chamar-me vagabundo.

Vamos, vamos correr a distância infinda  
De tantas ambições,  
Que noutra idade linda,  
Coroavam de oiro os nossos corações...

Vem comigo, percorrer entre cantigas  
As campinas em flor.  
Vem então e não digas  
Que a vida para ti já não tem sabor.

Oh! vem sentar-te à sombra dos espinheiros,  
Que fresca apetitosa!...  
Fomos nós os primeiros,  
Lembras-te?, a desfolhar neles uma rosa.

Que tempos saudosos, saudosos caminhos,  
Repletos de sorrisos,  
Quando em voos indecisos,  
Iam as aves em direcção aos ninhos!

Que gorjeios de amor, ruidosas risadas  
Se ouviram pela rua  
Ou pelas desfolhadas  
A' noite, ao márcido sorriso da lua!

Mas vem comigo cantar esta saudade,  
Cantá-la vida fora! ..  
Pois ninguém me persuade  
Que já não são nossos os Sonhos doutrora ..

(Asas de Espuma)

## Contraste

Enfeitiça-me o Sol,  
Mas eu amo mais a sombra,  
A sombra indecisa das coisas,  
Porque o sol foge de mim  
E no meu deserto sem fim,  
É a sombra quem me chama !  
E eu sou assim,  
Odeio quem me odeia  
E amo quem me ama.

Eu amo a dor,  
A única companheira de viagem  
A desfolhar,  
Com amor e carinho,  
Malmequeres pelo caminho  
Que eu terei de palmilhar.

Enfeitiça-me a alegria,  
Mas eu amo mais a dor,  
Porque aquela me é alheia  
E esta sempre me chama;  
E eu odeio quem me odeia  
E amo quem me ama.

Hoje, quando olho o mundo,  
Em tudo vejo o mal!  
Até as virtudes são pecados  
Nesta desarmonia completa.  
Oh! minha alma de poeta,  
Gêmea dos desventurados!...

Sexta-Feira Santa da humanidade.  
Livro de Jeremias, quem vai entoar-te ?  
Gargantas roucas  
Que há em toda a parte...  
Ambições loucas,  
Fingim que sofrem, para mais gozar !  
Mas ai de quem não chora  
Nas horas poucas  
Que tem para chorar!...

(Inquietação)

A Moura Oculta

Quebro no enleio do olhos  
o afago das caveiras  
e o espanto dos lagartos  
que deslizam entre cardos  
na penumbra das muralhas:  
aguardo além da máscara de morte  
a bafo quente de ouro  
velado em antros.

Eu sei, amor:  
é como asa, onda ou chama  
imersa em noite  
a inundar-me de ânsia  
e a reter-me neste gesto.

Sondo os poços no limbo  
à espera do fusil brilhando  
que reanime os teus olhos  
e defina o teu espectro.

Aguardo além das caveiras  
o subtil murmúrio  
da moura em que se afundam,  
também da minha imagem,  
uma serpente no olhar  
e pétalas abrindo-se em nítido cristal.

Vagueio em sombra pelas sombras  
labiríntico silêncio  
onde ecos de fontes germinam  
nos côncavos densos da pedra  
por entre fetos húmidos e quentes;

e onde se esboçam palavras vegetais  
para os lábios ainda verdes  
de mouras informes esperando.

## A Barragem

Rígido elmo  
de alumínio  
metálico desdém  
de um fingir de violino.

Mas nem os blondins  
— azeviche riscando  
a fundura do céu —,  
nem as coroas de lanças  
nos torreões cinzentos  
da barragem que se adensa  
enfuna e cresce,  
nem este jipe que me leva para as alturas  
embriagam de sinais de viagens  
as águias estilhaçadas  
em que me afundo, apocalíptico,  
a gemer retòricamente  
uma ulceração de vulcões  
nas arribas esfaceladas.

Os operários dissolvem-se em distância  
(estrépita neblina de envolventes sons),  
e afunda-os a sombra densa  
das cavernas de cimento,  
ou suspendem-se de aventura  
entre as cofragens de prata.

Finjo nos olhos atentos  
uma presença de engenheiro  
(ácido gume cortante  
do capacete de alumínio);  
mas invento dores de pedras  
no arraial dos aços prontos,  
e na cidade confiscada  
imploro torres que desmaiem

E. mais que o apelo  
dos homens de metal e cinza  
a excitarem a morte  
na vertigem dos espaços,  
é este enleio de luas

cravejadas de punhais  
— mansidão de caveiras onde iludo  
a angustia que nem sequer sinto  
de morrer sobre campos moventes  
privado de violinos e regaços.

## Mirandum

Não é do medo  
nem do vento  
nem da asa de lua  
a procurar esqueletos  
onde a poalha desce  
longe  
no desmaio do tempo

Não é do medo  
nem do vento  
esta invenção de sons  
arrancados ao silêncio

Mas da cinza esquecida  
nos lares frios  
onde portas batem de noite  
a gemer nos gonzos  
— insinuações de memórias  
que se alentam no rumor  
de infáveis pressentimentos

E' nestas vigílias  
sombra de punhais embotados  
que vem até mim  
o eco indelével  
de passos longe  
no descampado

NOTAS SOBRE OS POETAS  
INCLUÍDOS NESTA ANTOLOGIA



### **Afonso de Castro**

*Afonso da Rocha e Castro, nasceu, em 1897, em Afonsim, Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes), e morreu em 1959. Publicou dois livros de poesia — «Mocidade Lírica» e «Antifonário Pagão».*

### **Alberto Miranda**

*Nasceu em Macedo de Cavaleiros (Trás-os-Montes), em 1912. Publicou os livros de poemas «Musa Incerta» e «Regresso» (1962).*

### **Alfredo Margarido**

*Nasceu em Moimenta, Vinhais (Trás-os-Montes), em 1928. Tem publicados os seguintes livros de poemas: «Poemas com rosas» (1953) e «Poema para uma bailarina negra» (1958).*

### **António Borges Coelho**

*Nasceu em Murça (Trás-os-Montes), em 1928. Publicou o livro de poemas «Roseira Verde».*

### **António José Maldonado**

*António José de Almeida Loureiro Maldonado, nasceu em Bragança (Trás-os-Montes), em 1924. Publicou o livro de poesia «Futuros ou não» (1960).*

### **António Cabral**

*António Joaquim Magalhães Teixeira Cabral, nasceu em Castedo, Alijó (Alto Douro), em 1931. Tem publicados os seguintes livros de poemas: «O Mar e as Águias» (1956), «Falo-vos da Montanha» (1958), «A Flor e as Palavras» (1960), «Poemas Durienses» (1963) e «Os Homens Cantam a Nordeste» (1967).*

### **Bento da Cruz**

*Nasceu, em 1925, Peirezes, Montalegre, em (Trás-os-Montes), e publicou um livro de poemas «Hemoptise» (1959).*

### **Domingos Monteiro**

*Nasceu em Mesão Frio (Alto Douro), em 1903. Publicou os seguintes livros de poemas: «Orações do Crepúsculo» (1920), «Nau Errante» (1921) e «Evasão» (1953).*

### **Edgar Carneiro**

Nasceu em Chaves (Trás-os-Montes), em 1913. Tem publicado um livro de poesia: «Caminhos de Fogo» (1933).

### **Eduardo Guerra Carneiro**

Eduardo Augusto Guerra Carneiro, nasceu em Chaves (Trás-os-Montes), em 1942. Publicou dois livros de poemas: «O Perfil da Estátua» (1961) e «Corpo Terra» (1966). Foi um dos colaboradores do 2.º volume de «Poemas Livres» (Coimbra - 1963).

### **Fausto José**

Fausto José dos Santos, nasceu em Aldeia de Cima, Armamar (Alto Douro), em 1903. Publicou os seguintes livros de poesia: «Fonte Branca» (1928), «Planalto» (1930), «Remoinho» (1933), «Síntese» (1934), «Solstício» (1940), «Embaló» (1942), «Dona Donzela Senhorinha» (1946), «É El-Rey Que Vai à Caça» (1951), «Voz Nua» (1957) e «Livro dos Mendigos» (1967).

### **Francisco Dias Cordeiro**

Francisco Eduardo Dias Cordeiro, nasceu em Bemposta, Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1941. Não tem livros de poemas publicados.

### **Granjo de Matos**

Manuel Granjo de Matos, nasceu em Vila Real (Trás-os-Montes), em 1935. Publicou os livros de poesia: «Seara» (1958) e «Negro sobre Negro» (1963).

### **J. Gonçalves de Oliveira**

José Gonçalves de Oliveira, nasceu na Póvoa, Vila Nova de Souto d'El Rei (Alto Douro), em 1916. Publicou o livro de poemas «Musa Antiga» (1958).

### **José Barcos**

Nasceu em Lordelo, Vila Real (Trás-os-Montes), em 1936. Tem publicados os seguintes livros de poesia: «Sinós com voz de marfim», «Sol e Lua» (1960) e «Seiva e Sangue» (1961).

### **José Magem**

*Joaquim de Barros Ferreira, nasceu em Constantim (Trás-os-Montes), em 1941. Publicou dois livros de poemas : «A Vilegiatura do Dia» (1961) e «Algas e Deuses» (1965).*

### **Manuel Pinto**

*Nasceu em Santa-Valha, Valpaços (Trás-os-Montes). Tem publicado um livro de poemas : «Sabor a Terra» (1966).*

### **Maria Augusta Ribeiro**

*Augusta da Conceição Botelho Ribeiro, nasceu em Golfeiras, Mirandela (Trás-os-Montes), em 1931. Publicou os seguintes livros de poemas : «Suavidade» (1950) e «Litoral de Sonho» (1957).*

### **Miguel Montes**

*José Dias Baptista, nasceu em Vila da Ponte, Montalegre (Trás-os-Montes), em 1941. Publicou um livro de poemas : «Terra Fria» (1963).*

### **Miguel Torga**

*Adolfo Correia da Rocha, nasceu em S. Martinho de Anta (Alto Douro), em 1907. Publicou os seguintes livros de poemas : «Ansiedade» (1928), «Rampa» (1930), «Tribudo» (1931), «Abismo» (1932), «O Outro Livro de Job» (1936), «Lamentação» (1942), «Libertação» (1944), «Odes» (1946), «Nihil Sibi» (1948), «Cântico do Homem» (1950), «Alguns Poemas Ibéricos» (1952), «Penas do Purgatório» (1954), «Orfeu Rebelde» (1958) e «Poemas Ibéricos» (1965). Nos volumes de «Diários» (que vem a publicar desde 1941), encontram-se alguns poemas.*

### **Nelson Vilela**

*Nasceu em Vilarinho da Samardã (Trás-os-Montes), em 1933. Publicou os seguintes livros de poesia : «Saudade», «Asas de Espuma», «Mar e Sombra». «Inquietação», «Sobre a terra e sobre o mar» e «Pedaços do mesmo sonho».*

### **Nuno Teixeira Neves**

*Nasceu em Mirandela (Trás-os-Montes), em 1922. Não tem livros de poesia publicados.*



# Í N D I C E

## **Afonso de Castro**

<i>Soneto da Neve</i> . . . . .	7
<i>Nota à Margem da Via-Láctea</i> . . . . .	7
<i>Madrigal Bárbaro</i> . . . . .	8

## **Alberto Miranda**

<i>Regresso</i> . . . . .	9
<i>Bailado da Neve</i> . . . . .	9

## **Alfredo Margarido**

<i>Do teu ombro os pássaros partem</i> . . . . .	10
<i>Poema para uma bailarina negra</i> . . . . .	11

## **António Borges Coelho**

<i>Sou barco</i> . . . . .	13
<i>Pede ao Sol que venha</i> . . . . .	13
<i>Sentinelas de pedra</i> . . . . .	15
<i>Porque me levanto</i> . . . . .	16

## **António José Maldonado**

<i>Quebra nos meus lábios</i> . . . . .	20
<i>Respiração através do teu nome</i> . . . . .	20
<i>Terra de ninguém</i> . . . . .	21
<i>Êxodo</i> . . . . .	21

## **António Cabral**

<i>A Montanha</i> . . . . .	22
<i>Aqui, Douro</i> . . . . .	23
<i>Advento</i> . . . . .	25
<i>Douro, meu belo país</i> . . . . .	26
<i>A Quinta do Senhor Smith</i> . . . . .	27

<i>Vista parcial duma aldeia duriense</i>	28
<i>Pinhão, 8,20</i>	28
<i>Carta a João Cabral</i>	29
<i>A Régua</i>	30
<i>Poema com história</i>	31

### **Bento da Cruz**

<i>Benvinda sejam, doce Primavera...</i>	32
<i>Cadáver</i>	32
<i>Na papeleta branca...</i>	33

### **Domingos Monteiro**

<i>Ser ou não ser...</i>	35
<i>E eu que sonhava coisas impossíveis</i>	36
<i>Balada da amizade</i>	37

### **Edgar Carneiro**

<i>Vida eterna</i>	38
<i>Sou filho da distância...</i>	38
<i>Cidade morta</i>	39
<i>Êxodo</i>	40
<i>Guerra e paz</i>	40

### **Eduardo Guerra — Carneiro**

<i>Perfeito é o príncipe</i>	41
<i>Canção III</i>	41
<i>Resistência</i>	42
<i>Somos de pedra</i>	42
<i>Muita coisa eu sei</i>	43
<i>No preciso momento de abrir os braços</i>	43
<i>Para além da árvore com limões</i>	44
<i>Óleo queimado</i>	44
<i>Corpo terra</i>	45

### **Fausto José**

<i>Pastorinha</i>	49
<i>Beira-Doiro</i>	49
<i>Visão</i>	53
<i>Canção da donzela morta</i>	53

**Francisco Cordeiro**

*A trovada* . . . . . 54

**Granjo de Matos**

*Trás-os-Montes* . . . . . 58

*Cântico panteísta* . . . . . 58

*Quadro* . . . . . 59

**J. Gonçalinho de Oliveira**

*Marão* . . . . . 60

*Terra Transmontana* . . . . . 60

*Testamento* . . . . . 61

*Trás-os-Montes* . . . . . 61

**José Barcos**

*Eu te saúdo velha Maria da Terra* . . . . . 62

*Retrato* . . . . . 62

*Sinfonia do vidro da carruagem* . . . . . 63

*Canto* . . . . . 63

*Música em mim* . . . . . 64

**José Magem**

*Gesto oblíquo* . . . . . 65

*Persianas* . . . . . 66

*Vamos na libertação* . . . . . 68

**Manuel Pinto**

*E o oráculo assim falou:* . . . . . 71

*Poema inominado* . . . . . 71

*Prevenção* . . . . . 72

*O que ao poeta importa* . . . . . 73

*Caboucos* . . . . . 73

*Apeteci-te brinquedo* . . . . . 73

**Maria Augusta Ribeiro**

*Renúncia* . . . . . 75

*Oferta* . . . . . 75

*Nocturno* . . . . . 76



COMPOSTO E IMPRESSO NA  
MINERVA TRASMONTANA  
EM 30-4-68 — VILA REAL